

Oferta
- 0. NOV. 1993

NÊSTE NÚMERO



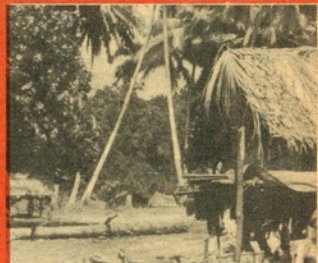
Depois da guerra, surgirá um grave problema: que destino há-de dar-se aos milhões de mulheres desviadas do lar?

(Referência nas páginas centrais)



Laura Puchol, que é portuguesa, regressou a Espanha e vai dar muito que falar?

(Ler entrevista na página 10)



Somos um país de colonizadores? Amamos a África que nós colonizámos? Talvez não pense o mesmo, lendo o comentário de página 21...



As irmãs Meireles, três artistas graciosas da nossa Rádio, tomaram parte no festival a favor das crianças pobres portuguesas, organizado pela British League of Assistance.

(Ver notícia na página 11)

**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV — N.º 173
7 DE SETEMBRO DE 1944
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

O mar brincalhão, alegria de grandes e pequenos

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

As corridas na cidade

A primeira inspiração que o homem teve, mal se apanhou nas graças do Senhor e saiu do Paraíso foi, segundo provam as lendas sagradas, a de caminhar, sem norte, nem destino. Na verdade, pela vida fora o homem tem sido o caminhar das mais longas jornadas. Os grandes paquetes, os aviões, as locomotivas, tudo isso, afinal, revestido de aço, couros, do progresso, por mais que andem e galguem quilómetros — não se podem assemelhar ao homem que, de pele e osso, sem motores, vai aos sítios mais distantes. Quem o acciona? Dizem que é a aventura — combustível de maior rendimento que os óleos da Vacuum — o fogo sagrado do idealismo — uma espécie de chama de gasogénio, já que falamos do homem-locomovel — consegue impulsioná-lo com energia para grandes cometimentos — e o homem vai, vai, que o seu caminho é sempre longo e não pode ter fim...

A vida é uma corrida. Uma corrida desenfreada na pista imensa onde o egoísmo é a meta — e o contrólé é o ideal encontro. Cada homem é um concorrente. Quando o tiro sôa — tudo larga numa debandada. Ai dos que caem ingloriamente e dos que ficam para trás amachuçados — a turba, que nunca pára, passa-lhes por cima, e nem ao menos se detém confrangida, a dar-lhe o alento duma mão amiga. É bem certo que o homem nasceu com o destino de correr.

Mesmo aqueles que nunca saíram do mesmo sítio — e parece que vivem dentro de si — fazem longas jornadas. Que mundos não constrói o homem à força de pensamento!

Sendo o artífice do sonho, o arquiteto da beleza, éle sabe erguer, a golpes de imaginação, cidades de encanto. Lisboa, esta linda cidade, foi, também, obra duma corrida. Vieram os cruzados, de cruz a sangrar, a rogos de Afonso Henriques, dar uma batida à moirama — que o saque e a pilhagem era para eles. Justam-se os exércitos. O «Conquistador» que vinha vitorioso, numa corrida vertiginosa afugentando os mouros, estacou diante da formosa cidade. Lisboa era, então, pequenina.

Alfama era, então, os seus labirintos, as suas mesquitas — e o seu comércio tão lucrativo. Afonso rezou. Pediu ao Senhor que o amparasse nessa obra que éle achava a maior de todas: dar pátria aos portugueses. Já os infantis e cavaleiros, ansiosos, atiravam flechas — e os mouros ripostavam das ameias do castelo. Durante meses os exércitos cercaram a valerosa cidade. Ninguém se rendia. A fome, a doença, e, sobretudo, o cansaço, começavam a desanimar as hostes agueridas dos cruzados. Por duas vezes quiseram ir-se embora. Chegou a haver rebelião. Sobre tudo aqueles homens que combatiam em nome da caridade cristã e para salvar a guarda duma idéa piedosa achavam que o saque da cidade não deveria valer tantos sacrifícios...

Mas a cidade caiu — os mouros renderam-se, cheios de fome e cansaço. Não podia haver luta — onde havia chagas a sangrar. No entanto, a história cantou a grande e heróica peleja dos cruzados contra os mouros — como se os triunfos não levassem lágrimas e pragas e os estigmas do saque e da deshonra. Foi Afonso Henriques quem ainda pôs tóbro àquela desordenada corrida à riqueza alheia. Sempre foi castro trazer, na volta, os bolsos cheios.

Ainda hoje, nos momentos cruciantes que vivemos, os povos que subjugam os fracos usurpam-lhes tudo o que éles têm de mais sagrado — desde a liberdade ao pão. O homem não pode esquecer que o egoísmo campela e faz lei numa existência onde a traição espregta cada esquina.

Por isso éle corre, foge sempre, eternamente, numa debandada sinistra. Dizem os poetas que a felicidade só se encontra depois de se ter amado e sofrido. Talvez seja assim. No entanto, ainda não apareceu a lume a explicação clara da evasão do homem.

Que éle tem necessidade de se isolar, de fugir, de gritar, sabe-o toda a gente...

Por quê? Cada um dirá da sua maneira conforme o seu caso pessoal. Na cidade, sobretudo, o egoísmo é mais denso. O homem aqui sente necessidade de fugir... de correr.

Sim, correr. A vida é uma corrida. Mas nem sempre os que chegam primeiro vencem. Até nisso há deslealdade — os que vêm no fim trazem já a meta cortada e o trofeu da vitória...

MANUEL MARTINHO

FALA-SE ESTA SEMANA

MARIA ADELAIDE



Os portugueses nascem poetas. As portuguesas trazem-nos sonhos e a mistura com as suas emoções uma sensibilidade poética amável que se traduz em versos de sabor diverso. A sr.^a D. Maria Adelaide Eugénia Teixeira de Bastos Leal, que subscreve o livrinho que temos aqui à nossa frente, exprime-se na linguagem das quadras populares, ora uma linguagem repassada de sentimento e um fiozinho conceituoso, ora uma linguagem maliciosa — que também tem os seus encantos.

MARIA LÚCIA



Não é tão fácil como pode parecer, prender na leitura as cabezinhas das raparigas de hoje. Em regra, a mocidade prefere as histórias fabulosas das artistas de cinema ou os livros que

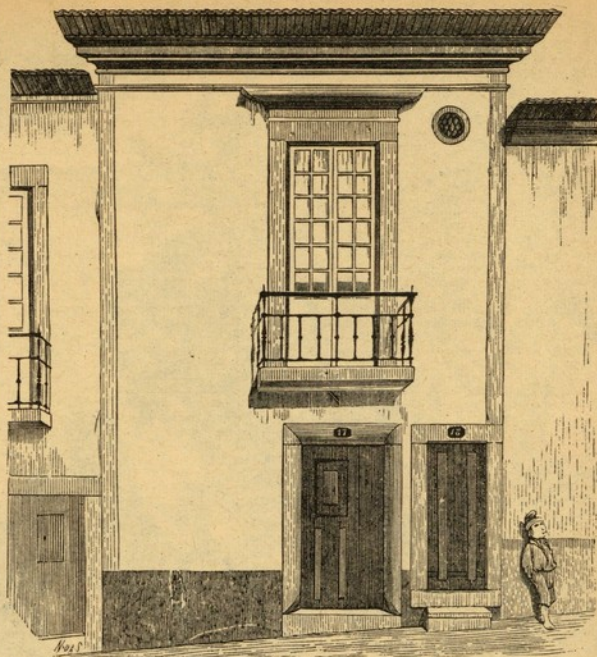
têm de ser lidos às escondidas da gente de bom senso. Maria Lúcia, que já nos dera outros livros de grande utilidade para a vida feminina, publicou recentemente «Joaninha quere casar» — um repertório de conselhos às raparigas, escritos numa linguagem deliciosa que nos faz prever um grande êxito para a sua autora.

LYGIA DE EZAGUY



Sensibilidade fina de mulher, artista de múltiplas expressões, Lygia de Ezaguy encontrou na poesia uma forma delicada para exprimir as suas emoções.

A sua juventude estuante dera-nos primeiro «Elev». Agora, a poetisa que é também violinista, deu-nos um segundo pequeno volume a que chamou «Ela». A crítica a este apanhado de poesias repassadas de acentuado lirismo — mesmo quando se veste de outras gaíás — está já feita. Hoje, veremos apenas acentuar que «Ela» entrou triunfalmente na segunda edição.



Nesta casa nasceu Bocage

BOCAGE é o poeta que mais se arreigou na alma do povo. A sua vida errante, a sua boémia, as aventuras em que, amigo de perigos e jornadas de emoção, se embrenhava, fizeram d'ele um símbolo — um destes cavaleiros do sonho e do amor.

Bocage sofreu inclemências e dores que lhe retalharam a alma; amou, com fervor, e viu um seu irmão roubar-lhe um coração apaixonado, que o tornou logo infeliz.

Ainda cadete de marinha, insubordinava a aula com as suas ousadias. Tudo perdeu — carreira, dinheiro, família — e veio a morrer, numa humilde casinha, rodeado dos cuidados de sua irmã e da mulher que nunca o deixou de amar.

Manuel Maria Barbosa do Bocage (Elmano Sadino), nasceu em 15 de Setembro de 1765 na vila de Setúbal. Os pais dedicavam-se à poesia, como artistas de requintada sensibilidade. Os serões literários que davam em sua casa despertaram sempre um entusiasmo ao pequeno Manuel.

O tronco de Bocage, em Portugal, veio dum abastado proprietário de nome António Le Doux do Bocage, casado com uma dama chamada Catarina Cosma. Este casal vivia na cidade de Cherburgo (Normandia), nos fins do século XVII.

O primeiro membro desta família que veio viver para Portugal chamava-se Gil Le Doux do Bocage, que foi crismado na freguesia de Santa Maria Maior, em Cherburgo.

Em 1704, estando em Portugal, foi convidado pela sua longa experiência da vida do mar — pois Gil do Bocage era um marinheiro famoso — a ingressar na nossa marinha com o posto de capitão de mar e guerra. Passados treze anos de belos serviços, o governo promoveu-o a contra-almirante com a maior distinção. Valoroso e conhecedor, fez a guerra do Mediterrâneo contra os barboriscos — e do Brasil contra os franceses. Deram-lhe, em recompensa, o hábito de Cristo e 10800 de tença, mensais. E, por novos serviços prestados à armada, fez-lhe o rei mercê da tença anual de 400800 por três vidas. Este glorioso almirante casou, na freguesia da Encarnação, em Lisboa, com D. Clara Francisca Lestof, aos 13 de Junho de 1720.

A filha era cónsul da Holanda, Leonardo Lestof, rico proprietário. Ora, deste matrimónio nasceram duas filhas: D. Antónia Inácia Xavier Lestof do Bocage, que deixou cinco filhos, que a posteridade não registou; a outra filha foi D. Mariana Joaquina Xavier Lestof do Bocage. Esta senhora casou com o bacharel José Luís Soares de Barbosa, que foi juiz de fora de Castanheira e Povos e ouvidor na comarca de Beja.

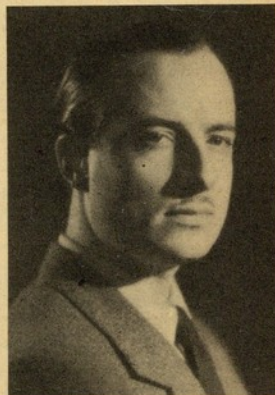
Seis filhos vieram alegrar aquela casa, o segundo dos quais era Manuel

Maria Barbosa do Bocage — o célebre poeta, baptizado na freguesia de S. Sebastião, de Setúbal.

Os outros filhos todos singraram na vida. Deve-se destacar a irmã do poeta, D. Maria Francisca, que morreu solteira e que viveu com o grande Bocage até aos últimos momentos da sua vida.

A casa onde nasceu Bocage fica na antiga Rua de S. Domingos, hoje rua Bartol, freguesia de S. Sebastião, e tem os números 17 e 18.

A cidade de Setúbal não quis esquecer o seu maior poeta, inaugurando-lhe um monumento no coração da cidade.



Um dia destes, estávamos ali à espera de um carro na esquina do Alceim. De repente, começámos a abrir e a fechar os olhos, pois supunhamo-nos vítimas de alguma ilusão de óptica. Mas, para nós, éle caminhou de braços abertos e sorridente:

— Então, quem é isso, homem? Enquanto o Villarett rapa o cabelo à navalha, você deixa crescer o bigode?

— É por causa do filme. — E como vai isso? — O bigode? — Não, o filme...

— Se não fôsse bem, eu não lhe tinha sacrificado a minha carreira de locutor, não acha?

— Mas o que é o filme? — Ai, isso não sei, meu amigo...

A Cinelândia é que é a nova realizadora e vai apresnetar, com cer-

A morte da bela vista

DECIDIDAMENTE, os homens que têm superintendido nos interesses de Lisboa nunca engraçaram com o Parque Eduardo VII. O bom povo bem insiste, bem lhes tem demonstrado o muito amor que têm àquela acanhado recanto; mas isso sim: está escrito no livro do destino que o Parque Eduardo VII nunca será aquilo que o lisboeta deseja.

Este «desencontro» não é de hoje: vem de sempre. Há uns bons trinta anos, o sítio era intransitável: com um grande pântano ao fundo e sem uma árvore ou um banco romântico que convidasse ao passeio.

Mas, depois — não sei há quanto tempo... — atulharam o pântano e de todas aquelas covas surgiu uma autêntica feira de maravilhas: robotos, montanha russa, teatros de madeira, barraquinhas de tiro ao alvo, o «homem macaco», a «mulher eléctrica» e outros fenómenos da mesma categoria.

Acabada a Feira, ficou o gosto pelo Parque, com a ânsia de servir o bom ar que vem do Tejo, a amarrar pela avenida. Viu-se, então, domingo a domingo, que, dos mais distantes pontos de Lisboa, nenhum bairro faltava ao enleio daqueles encantos. Organizavam-se excursões, discutia-se, em família, quantos pastéis de bacalhau seriam precisos, quantos ovos cozidos, quantos litros do bom tinto, e este assunto era o ceasso do dia: duma semana inteira. Os pobres e todos aqueles que viviam uma vida embaçada, sentiam desejos de ar puro e de horizontes desafogados.

Os anos foram andando e toda a gente viu com prazer que o Parque Eduardo VII tinha realmente nascido para ser o grande logradouro da capital; conforme bem o tinha previsto o bom senhor Carlos Eugénio de Almeida, quando ofereceu aqueles terrenos à cidade de Lisboa.

Depois, vieram em cortejo os homens entendidos nestas coisas e vá de construírem lagos, pérgolas, palácios e ruas. Mas logo em seguida, outros acharam que tinham mais competência, e vá de escangalharem o que já estava feito.

E depois destes outros, outros vieram ainda. A fantasia deshumana de todas as incompetências andou por ali, como em terreno conqui-

tado. Salvou-se a magnífica «Estufa Fria» (Deus sabe por quanto tempo...), mas o lisboeta sorridente e bonacheirão lá achando muita graça àquelas graças e não se importava, porque sempre conseguia arranjar um cantinho acolhedor para merendar com a família.

As crianças das ruas limítrofes acharam também que o sítio era excelente e nunca mais o abandonaram. Ainda hoje, desde manhã ao entardecer, aquelas ruas, umas arranjadas e outras — cottadinhas... — a desfazerem-se de tanto abandono, são uma espécie de viveiro de meninos e meninas — colmeia graciosa das mais belas abelhas de Lisboa.

Mas ainda com este caso ninguém se importou. O parque infantil, que no Parque Eduardo VII sempre tem feito uma grande falta, nunca se fez. Nem se fará — apostoi!

Quando nesta Lisboa aparece um bom espaço para se construir um jardim — já se sabe — constroem-se casas.

O Parque Eduardo VII — tenhamos paciência... — está condenado a desaparecer. As necessidades do urbanismo não obedecem às leis do coração.

A Avenida da Liberdade foi sempre uma espada apontada ao coração do Parque. Mas o lisboeta nunca pensou que a ameaça fosse de morte.

As crianças que por lá andam, em correrias, não-de crescer. Mais tarde, os filhos destas crianças não-de ter menos jardins, menos espaços desafogados, menos horizontes. A ânsia de construir acompanha a necessidade de destruir.

No local ao pé da estufa, onde hoje está o único sítio onde as crianças se sentem bem, daqui a 50 anos é natural que esteja o piso dum garagem ou a cave dum desses «cabarets» que andam agora muito na moda.

Com estas transformações é que eu não concordo.

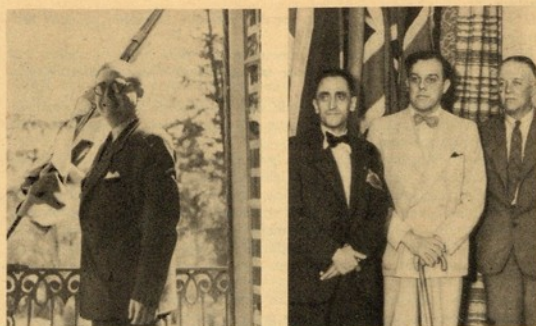
Por isso — sem recriminações para ninguém — em nome duma filhinha que Deus me deu, assídua frequentadora das ruas do Parque, deixem-me chorar a morte da bela vista.

SILVA BASTOS

NOTAS RÁPIDAS



A Caria conta, desde há pouco, com um melhoramento dos mais significativos para o progresso da excelente zona de turismo. Trata-se da nova estação de caminho de ferro, inaugurada pelo director geral dos Caminhos de Ferro, e que vemos na foto pouco antes de cortar a simbólica fita inaugural.



A colónia francesa residente no Pôrto festejou a reocupação de Paris. Vemos o sr. vice-cônsul Eugène Wernert, hastando no edifício da legação, às 22 horas do dia 23 de Agosto, a bandeira tricolor.

Na foto, de bengala, damos o sr. Stephen Lockhart, adido de Imprensa à embaixada britânica, na altura em que visitava a agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, no Pôrto, com o sr. Geoffrey Tait.

ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

Enquanto o bigode do Olavo cresce Agostinho Fernandes não diz nada do seu filme...

teza, coisa engraçada, lá tem uns pontos de vista inéditos... Olhe, ali, na Cinelândia, a disciplina manda coisas extraordinárias e originais. Assim, por exemplo, nenhum colaborador conhece o título do filme, nenhum artista assiste aos ensaios das colegas com quem não contracenam, nenhum artista pode assistir à filmagem de cenas que não interprete, nenhum artista pode assistir à projecção de planos filmados na véspera, nenhum colaborador artístico ou técnico que não seja essencial poderá assistir a qualquer projecção, sem que o filme esteja completamente montado e pronto a ser exibido...

— Mas isso é um tremendo suplício para os artistas e técnicos!

— É. Mas evita que se fale e critique antes de tempo...

— Mas, então, você não sabe dizer nada, nada, sobre o filme?

— Você não vê que aquilo funciona em regime de censura e de disciplina, como se faz lá fora?

— E, olhando à roda, Olavo confidencia que não tem ordem para dar entrevistas:

— Olhe, só lhe posso dizer particularmente que vamos ter um filme de grande espectáculo e que as despesas com a indumentária e adereços elevam-se a muitas centenas de contos, porque a acção decorre entre 1900 e 1906...

— E os artistas?...

— Há um grande «cast» de artistas e figurantes...

— E, entretanto...

— O meu bigode cresce, como o filme reclama!

Estávamos perante um caso de

entrevista consumada... Olavo de Eça Leal, que se dissera inclinado a entrar no teatro, acabou por entrar no cinema — mas não estava disposto a fazer revelações sensacionais — é, a primeira figura masculina do filme para a Cinelândia.

E como o Olavo corria a tomar o pachorronto «Rio de Janeiro» e nós ficávamos com a entrevista em meio, agarrámos-lhe num braço:

— Não, meu amigo, por enquanto não se pode dizer o título do filme.

Pedimos desculpa. Tínhamos nos esquecido de que Agostinho, um dos directores da Cinelândia, para a qual Carlos Porfírio está a realizar o filme em questão, é, acima de tudo, um espírito de artista. A sua colecção de desenhos, óleos e aguarelas de artistas contemporâneos vale já por um museu que, segundo nos informam, será organizado e aberto ao público.

Olavo, porém, termina:

— E vou talvez transformar essa colecção num museu público, quem lhe diz que não? — diz Agostinho Fernandes, que termina a nossa conversa assim:

— Olhe, meu amigo, se quere que lhe diga, aqui tem: a construção e equipamento completo da Cinelândia, que está instalada na Quinta dos Castanheiros, à Alameda das Linhas de Torres, é, só por si, uma realização respeitável, se atendermos às dificuldades do momento. Basta que lhe diga: não se conhece ali a falta de material de som, de fotografia, de iluminação e de instalação eléctrica para 10.000 volts, de filme virgem para os nossos trabalhos... — Mas o título do filme? — Ai isso não digo!...

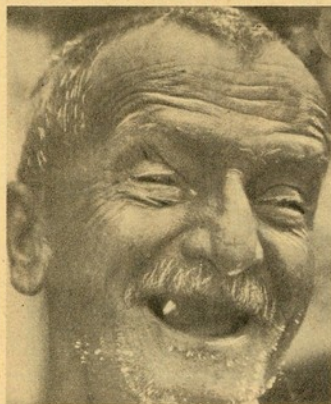


O sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa recebeu na Estufa Fria do Parque Eduardo VII, os velejadores espanhóis — de Vigo e de Corunha — que tomaram parte na III Semana da Vela, e a quem foi oferecido um «Pôrto de Honras». Estiveram também presentes senhoras da família dos desportistas espanhóis.



O jornalista francês Marcel Dany, que em Portugal conta já tão elevado número de amizades, foi alvo, no Pôrto, de uma homenagem, a que estiveram presentes representantes da Imprensa nortenha. Damos, na foto, um aspecto do almôço oferecido num restaurante pelo sr. vice-cônsul Eugène Wernert.

COCKTAIL



Um novo monstro matou três mulheres!

ÊSTE velhote (até apetece chamar-lhe velhinho, com ternura) que sorri com tanta simplicidade, com uma má cara tão singela e tão bondosa, que podia ser pai e neto de homens já feitos é, nem mais nem menos, do que um pequeno monstro.

Se bem que os seus crimes não tivessem alcançado a popularidade do célebre

Landrú ou do não menos célebre Dr. Petiot, o que é certo que este aparentemente inofensivo ancião foi casado três vezes e por três vezes matou as mulheres.

O seu nome é Linfrondt e pescador de profissão. Habitava pequena terroela, onde a vida era calma e feliz.

Fala-se muito da influência do cinema e do livro sobre os vícios dos povos, mas, valha a verdade, Linfrondt era analfabeto e na sua terroela toda a gente desconhecia o cinema.

Mais ainda: desde há 28 anos que não se dava na terra um pequeno roubo e muito menos um crime, pelo que não havia cadeia, nem polícia, nem tribunais. A vida era tranqüila e pura.

A proeza de Linfrondt, descoberta por acaso, forneceu tamanha reacção na terroela que por anos e anos será lembrada com terror.

Mas foi o caso que Linfrondt casou pela primeira vez aos 22 anos e fez um seguro de vida para a sua mulher. Depois, como queria comprar uma embarcação maior e não possuía o dinheiro suficiente, lembrou-se de a convidar para um passeio no mar e, a dada altura, voltou-a de propósito.

A mulher não sabia nadar e morreu. Linfrondt recebeu o seguro.

Mais tarde, casou-se novamente com uma senhora divorciada e, poucos meses depois, repetia a proeza. Toda a gente o lamentava e Linfrondt, como bom comediante, sabia representar um esplêndido papel de viúvo inconsolável.

Em 1930, casou-se pela terceira vez, com uma rapariguita de 24 anos. Viveram juntos cinco anos e tudo parecia correr bem, até que Linfrondt a matou, desta vez, atirando-a, de noite, de uns rochedos abaixo. O seguro voltou a pagar...

Agora, em 1943, no mês de Dezembro, Linfrondt propôs casamento a uma viúva, em que o aceitou. Em Julho deste ano, este novo Landrú resolveu liquidá-la. Mas quis a sorte que a mulher fosse salva por um pescador. E foi ela que, relatando o que lhe havia acontecido, fez com que levassem Linfrondt à prisão, onde acabou por confessar os seus anteriores crimes.

Tal é a história do velho Linfrondt, de que publicamos a sua última fotografia, por altura do quarto casamento. É bem certo o ditado: *Quem vê caras, não vê corações...*

Curiosidades

A BARBA DOS HOMENS

COMO toda a gente sabe, o homem, esse elegante descendente do macaco tinha, se não fizesse regularmente a barba, a cara coberta de pelos.

De início, como se calcula, não havia navalhas, nem máquinas de barbear, e nem mesmo o homem se preocupava com esses enormes pelos que, às vezes, lhe cresciam até à cintura.

A pergunta é esta: porque razão se lembrou o primeiro homem de fazer a barba?

A pergunta, que parecia insolúvel, encontrou agora, ao que nos consta, uma solução aceitável. Pois foi Semiramis, rainha dos Assírios, a grande culpada desse trabalho diário dos homens: fazer a barba.

Por ser mulher, a rainha Semiramis julgava que nunca poderia governar como queria. «Uma mulher nunca impõe tanto respeito» — dizia.

Então, pensou vestir-se de homem. E, como na época, os homens usavam barba quasi até aos pés, obrigou-os a rapá-las para, deste modo, se poder confundir com eles.

O QUE COMEM OS PASSAROS

A carriça, que nem chega a balouçar um ramo quando nêlo pousa, devora nada menos que 100.000 insectos por ano.

A andorinha mata cerca de 600 insectos por dia. Um casal de pardais dá à sua ninhada 5.000 vermes por semana.

Um casal de melharucos precisa de 45.000 lagartas para criar uma só das suas ninhadas.

O gavião, pelo seu lado, rouba 3.200 grãos de trigo por ano. O cuco come 180 lagartas cabeludas por dia, e pode-se gabar de ser o único pássaro que come lagartas desta espécie.

Como se vê, os pássaros não comem nada pouco, pelo que não nos parece muito acertado aquela sentença popular: «Cottadinho, parece um passarinho a comer!». Ou quererá isso significar que se está diante de um glutão?...

UMA ESTATÍSTICA

Segundo informações colhidas antes desta guerra, acaba de ser publicada uma curiosa estatística que procura determinar de que forma o homem aproveita cada ano de sua vida.

Eis os resultados:

Dormir	114 horas
Trabalhar	91 »
Comer e arranjos de sua pessoa...	55 »
Distrações.....	67 »
Estudos.....	35 »

A estatística diz ainda que nos 365 dias do ano o homem poderá ler 100 livros, aprender uma língua ou seguir qualquer curso. E conclue: «Os que pretendem não ter tempo só os que não sabem repartir nem as suas horas nem os seus dias.»

História de uma sepultura

NO quasi idílico cemitério de Bayreuth, junto do mausoléu de Franz Liszt, há uma modesta sepultura com uma inscrição francesa. A propósito do 57.º aniversário da morte do grande compositor, recorda-se a comovente história dessa sepultura que encerra os restos mortais de Marius Simon, calveiro da Legião de Honra, falecido em Bayreuth no dia 17 de Julho de 1909.

Marius Simon era um ferroviário admirador dos dois grandes génios da música: Wagner e Liszt. Encontrando-se Simon gravemente doente e vendo aproximar-se a morte, formulou a sua última vontade de ir a Bayreuth para morrer no mesmo sítio em que Liszt morreria. Simon chegou a Bayreuth no dia 17 de Julho de 1909. Nesse mesmo dia, sentindo-se já moribundo, mandou vir um carro e pediu ao cocheiro que desse uma volta ao Teatro dos Festivais, no alto de uma colina. O carro teve de parar três vezes no caminho, porque o cocheiro pensava que o seu passageiro ia morrer, e outras tantas vezes este pediu, num esforço titânico, para continuar o caminho porque não queria exalar o último suspiro sem ver de perto esse templo sagrado da Arte onde Liszt havia interpretado as suas composições magistrais. O carro deu a volta ao edifício, e seguiu depois para o hospital da cidade onde Marius veio a falecer, precisamente uma hora depois de ter contemplado pela derradeira vez o objecto dos seus últimos pensamentos. E, antes de morrer, ainda fez um esforço supremo para pedir que o enterrassem aos pés do mausoléu de Franz Liszt. Foram essas as suas últimas palavras.

DIZ um jornal sueco que os selvagens das ilhas de Bornéu voltaram à sua estranha actividade. E não se pense que era uma actividade qualquer. Era das mais importantes para a sua crença religiosa, que atribuía todos os males, como uma grande chuva, uma péssima colheita, à ira dos deuses. E só havia um processo para aplacar tão diabólica fúria: ofertar-lhe cabeças. Por isso, a época das plantações coincidia com a abertura dessa estranha modalidade de caça.

Reuniam-se em grupos e desciam às aldeias mais fracas para degolar toda a

OS CAÇADORES DE CABEÇAS EM BORNEO

cabeça que apanhavam a jeito. Nada disto, porém, era feito com depravação ou remorso. Degolar e ceifar consistiam os gestos mais naturais entre os habitantes de Bornéu. Não matavam

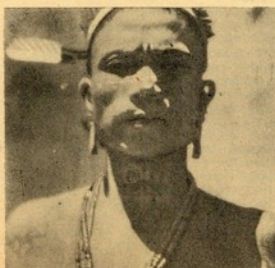
para eles. Matavam, sim, para agradar aos seus deuses.

Em 1932, o governo holandês proibiu, de uma vez para sempre, semelhantes caçadas. Foi uma tarefa difícil

que eles apenas acatavam com medo das baionetas dos soldados.

Publicamos algumas fotos dos «caçadores de cabeças». Repare-se que o maior cuidado, quanto à maneira de vestir, reside nas orelhas. Um bom par de orelhas é dote valioso entre eles. Deformam-nas, tornam-nas monstruosas, esticando o lóbulo pelo peso de grossas cadeias de metal.

Tanto a mulher como o homem sofrem esta tortura da moda. Mas a mulher pode chorar durante o tratamento. O garoto, não. Se chorasse seria desprezado para sempre...



Não será reclame demasiado?

ULTIMAMENTE, parece que estão em moda certos processos de propaganda que não nos parecem em absoluto inteligentes, mas, pelo contrário, de resultados contraproducentes. Já não queremos referir-nos ao hábito pouco sério de extrair das críticas—por mais desabantes que elas sejam—pedaços de prosa comprometedores para quem as subscreve e aplicá-los como elementos de propaganda. Esse processo parece-nos em absoluto reprovável—para não dizer que constitui abuso de... confiança...

Mas tão reprovável como os factos apontados, embora de outro género e revertendo o prejuízo a desfavor de quem o pratica, parece-nos esse outro de os autores, em dias de estreita, virem fazer certas declarações para os jornais.

Bem sabemos que, muitas vezes, essas entrevistas não são dadas nem escritas pelos autores. Forjam-nas os agentes de publicidade das empresas, cuja verdadeira intenção consiste, precisamente, em gritar aos quatros ventos a maravilha das peças que põem em cena.

Declarar, nas entrevistas, que o novo autor, A ou B, é o continuador de Gervásio Lobato ou de André Brun, ou vir o autor afirmar que faz diferente, porque o que se faz já não interessa, parece-nos uma preparação de espírito público exigente—a caminho da decepção e do cepticismo, por muito que seja interessante o que o autor escreveu...

Quem é que não está de acórdio connosco?

NO TURBILHÃO DA GUERRA

GIGLI

é acusado de colaboracionista

A consciência dos povos exige coerência de atitudes a todos. Nem aos artistas se devem benevolências especiais. Chevalier, acusado de colaboracionista, foi anunciado como vítima dos «maquis». Vieram depois desmentidos—mas o destino do grande cançonetista mantém-se em interrogação.

Agora, sobre outro artista pesa idêntica acusação: o grande Gigli, Beniamino Gigli, tenor italiano que todo o mundo conhece, teria sido vítima de um atentado, sob o pretexto de ter colaborado com os alemães. Os amigos de Gigli insistem, todavia, em que o grande cantor foi apenas obrigado a tomar parte nas festas organizadas pelos alemães. Na foto, vemos Beniamino no seu jardim.



ATENÇÃO

ÀS

ARRUMADEIRAS!

AS empresas, pelas tubas da Imprensa, anunciam que vão fazer-se transformações nas nossas casas de espectáculo. Realmente, é um paradoxo assistir a um espectáculo de arte no meio de tanto desconforto, de tanta falta de gosto, por que é uma tristeza olhar, por exemplo, para aquêle Apolo, com a fachada muito negra, vidraças por lavar, cadeiras de criança, muito incômodas para adultos. E, isto, sem falar da plateia de outras casas de espectáculo, com «superior» em pau, para podermos ficar, sem perigo de maior, os joelhos nas costas do espectador da frente...

Pois bem, agora que nos anunciam obras e reformas em algumas casas de espectáculo—dremos tratar-se de pinturas, substituição de plátelas, instalações de ar condicionado, construção de «halls», etc.—há uma medida que se impõe: a da revisão da indumentária das arrumadeiras!

Não há direito que, numa «casa de arte», as raparigas se vistam com tanta falta de arte. Vêmo-las e sentimo-nos confrangidos. No Avenida, até lhes inventaram uns aventais de rejelitar pela última das criadas de servir...

Já não queremos falar das caras e dos corpos de muitas dessas mulheres—caras sem vigor, muito mal pintadas, corpos sem graça, muito abandonados. Mas, ao menos, que as empresas—visto que querem ser protectoras de belezas outonias, o que é humano e simpático—dêem às suas empregadas «toilettes» engraçadas, sóbrias, e de uma certa apresentação: frescas de verão e confortáveis de inverno. Todas as empresas têm os seus figurinistas e decoradores mais ou menos adjacentes.

Por que não hão-de ser elles os encarregados de vestir as arrumadeiras dos nossos teatros?

Assim vestidas—é que não. Porque aquilo não chega a ser Carnaval: é uma cegada bairstra de terceira categoria...

As três pancadas

Fernando Santos e Almeida Amaral não confirmam aqui as virtudes que tinham pôsto em «Os senhores três-do-chão». Illogismo, desequilíbrio, inflexões processos de construção—eis o que «As três camaradas» representa. O 1.º e 2.º actos salvam-se, não obstante os senões apontados; o 3.º acto perde a peça. Aponemos alguns desses senões: um sapateiro que é fornecedor dos principais estabelecimentos da Baixa sempre havia de ter dinheiro para a primeira prestação do pagamento da máquina, na entrada; Isabel está afilta a acabar a obra para arranjar dinheiro para essa prestação—que não podia custar apenas o feito de um futo...—mas, afinal, esquece-se do trabalho que aparece feito; Luíza, que teve uma conversa bastante eludicativa com Ernestina, e respeito dos amores de Isabel, não tem uma attitude perante tantas recriminações das camaradas, a ponto de ser preciso forçar tantas confissões dos incriminados. Ernestina regressa de uma forma demasiado simplista de vida séria; a peça está recheada de incômodos rúbias; como nas revistas—as deixas são sempre «a propósito»; os queixumes e a repulsa pelo lar que Isabel manifesta são infundados; o lar aonde Isabel regressa não é imoral pelas acções, pois, pelo contrário, ali todos a començam e defendem; a imoralidade que os autores quiseram dar ao meio está só na retórica de Isabel—para puxar a peça ao «problema social»; por fim, o desconcerto daquela visitadora é simplesmente um acto de invasão em paraguaiada! A peça parece que acaba duas vezes—quando, enfim, devia acabar com as raparigas sentando-se à mesa do trabalho. Para quê a rábula da visitadora, se a honra do asilo não está ofendida pelas acções?



UMA FESTA DE DIPLOMATAS A FAVOR DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS

NO Casino Estoril houve, na última quarta-feira, uma linda festa organizada pela British League of Assistance, sob o patrocínio da sr.ª embaixatriz de Inglaterra, e a favor das crianças pobres portuguesas.

No espectáculo, que foi elegantíssimo, tomaram parte as irmãs Meireles, a dançarina Gabriela Campos, a cantora e declamadora Gaby Syamor, a bailarina brasileira Asta Alcaide, o cançonetista e cenógrafo francês Lucien Donat, e a bailarina Leslie Berry com o seu côro e grupo de sapateadoras. A festa teve um carácter elegantíssimo, e—pode dizer-se—imédito entre nós, emprestado principalmente pela colaboração da senhora van den Berkhof, van Kockengen, esposa do adido à legação da Holanda—uma linda voz acompanhada ao piano pelo sr. J. Hart; pelo hilariante «sketch» musical intitulado «30 minutes in the streets»; pela cena brasileira, evocando os mistérios do sertão do Brasil; pelo fado português, cantado pelo tenente Geoffrey Stowe, adido da Aeronáutica adjunto à Embaixada de Inglaterra, e, ainda, pela excelente comperagem do major H. L. Cocks, adido militar adjunto à Embaixada de Inglaterra.

A representação seguiu-se o «cabaret»-dançante. Na foto, vemos a bailarina Leslie Berry com o seu grupo de cantoras e sapateadoras, que foi muito aplaudida.

Aponemos, agora, como justo elogio, a decência da linguagem, a graça e o espirito com que a peça está escrita, sem necessidade de recorrer a trocadilhos equívocos nem calão de mau gosto.

* Na interpretação, salienta-se primeira a maleabilidade de Raúl de Carvalho—uma surpresa—depois, Erico Braga, que só não vem primeiro porque não é surpresa o seu belo desempenho, e é elle que enche a peça—e a salva; Vital dos Santos, num sóbrio apontamento; Perry, um pouco artificial, tem de tornar mais naturais os olhos e as sobrancelhas e carregar menos naquele ar de pele de boneca de pasta; a habilidade incontestável de Eunice Muñoz, muito jovem e inexperiente, está a ser ousada e perigosamente aturada à cara do público. Cuidado, pois, para seu bem—e atenção ao pisar do palco, ao movimento dos ombros e da cabeça; Maria Shultzze vai muitíssimo bem; e Maria Helena fazedese. Mas, por que não evita fazer tantos trejeitos à boca? Nos nossos palcos—dir-se-ia que está a representar-se demais e a viver-se de menos...

* Três notas sobre traços, cenário e marcação: o vestido de Maria Helena, no 1.º acto, agarra-se ao fundo das paredes; o de Eunice, no 3.º, agarra-se às portas. Quando havião ser amenizados com uns catilhões noutro tom e a ausência de uma escada a abanar (já é epidemia, a das escadas!).

Na marcação, Erico errou muita vez. As figuras estão constantemente cortadas—às vezes só se vêem narizes.

Enfim, com tanta coisa má—apontamos os erros, para que não se diga que dizemos mal por parti-pris—é lógico supor que vamos ter longa temporada no Variedades!

POEIRA DO PALCO

José Gamboa foi há dias convidado para ingressar no elenco do Nacional. Ainda bem. Agora, só esperamos que Gamboa não desarvore do teatro e que não diga que não ao sr. Robles...

* Lalande e Villaret, está definitivamente assente, não voltam para o Nacional. Fazemos votos porque os dois illustres artistas encontrem agora o verdadeiro aproveitamento do seu talento. Lalande, sobretudo, que no Nacional, como no Trindade, não teve ainda a sorte de lhe darem um bom papel.

* Os honorários dos artistas teatraes continuam a subir, como os géneros de primeira necessidade. Dão-se sete, oito, nove e dez contos aos actores de comédia. Ainda há boqs profissões nesta terra de ordenados mesquinhos...

* Maria Lalande vai desempenhar, no Trindade, o papel de Elisabeth Barrett Browning, poetaisa inglesa do século XIX, entrevida e sensível, que, nos seus magníficos sonetos, divulgou ao mundo a história maravilhosa dos amores de Pedro e Inês de Castro, para exprimir a seu marido, Roberto Browning, a paixão que os unia. Este papel de Roberto Browning, que, como o de Lalande, é magnífico, será desempenhado por João Villaret. Como nota curiosa, lembraremos que esses sonetos sobre os amores de Pedro e Inês foram há anos divulgados na rádio de Paris, por Marco Vici, uma artista illustre que se encontra actualmente no Estoril.

* A actriz Mirita Castimiro foi entregue uma peça intitulada «Caraculana» com um papel de grande intensidade dramática, feito ao carácter daquela illustre vedeta.

* Diz-se nos meos teatraes que a actriz Idalina de Oliveira vai regressar ao teatro.

* Armando Vieira Pinto, o discutido autor de «Vida Fácil» acabou, agora, a peça «Doida com juízo».

PREPAREM-SE CAÇADORES

BREVEMENTE ABERTURA DA CAÇA



**CARTUCHOS
DE CONFIANÇA
SÓ COM PÓLVORA
REKORD**

REPRESENTANTE
DAS AFAMADAS
ESPINGARDAS
VICTOR SARASQUETA
DETENTORA
DAS MAIORES VITÓRIAS

**A. M. SILVA
- ARMEIRO -**

Tudo para caça-
dores e atiradores

Pesca, Artigos
de desporto,
Correaria, etc.

Rua da Betesga, 87-1150A
TELEFONE 2 5424
DESCONTO PARA REVENDA

**A CASA QUE MAIS BARATO
VENDE E MAIS SORTIDO TEM**



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
11,45	WRUS	30,93	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
12,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGSO	19,56		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	26,45	WRUW	25,56	WBOS	19,74
16,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	16,91		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEA	25,33	WGES	16,78
					(Meia hora de programa especial)			
20,15								
20,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,57	WGES	16,78
21,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
22,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19.

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

Escola de corte, costura e chapéus

M^{me} Justo

SÉDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA

RUA DE S. LAZARO, N.º 127-1.º E 3.º ANDAR

A melhor e mais freqüentada de todo o País

Muito brevemente uma grandiosa exposição de trabalhos em alta-costura e chapéus confeccionados exclusivamente pelas suas alunas



Um grupo de alunas que actualmente freqüentam a Escola M.^{me} JUSTO

Porque não vêm a Portugal filmes brasileiros?

HA coisas que dificilmente se compreendem. E o que se passa com os filmes brasileiros encontra-se no número das que se não percebem com facilidade.

O Brasil, com efeito, produz um certo número de filmes por ano. Os jornais e revistas da especialidade alinham títulos, louvam o trabalho dos intérpretes, celebram os êxitos alcançados pelas produções saídas dos estúdios nacionais. E essas películas, faladas na nossa língua, e que reúnem portanto condições invulgares para o completo rendimento do espectáculo, continuam inéditas nas telas portuguesas, que deveriam ser, depois das brasileiras, as primeiras a exibí-las e a disputá-las. Mas há mais: filmes produzidos no Brasil por realizadores portugueses — e citemos Chianca de Garcia — não conseguiram chegar até nós, a despeito do natural interesse que deveriam provocar.

Sabemos, perfeitamente, que a produção carioca não atingiu ainda um nível técnico elevado. São muitas as imperfeições dos seus filmes, até em aspectos onde Portugal, com a prata da casa, alcançou resultados assinaláveis. Mas não cremos que estejam nessas possíveis insuficiências as razões da ausência das fitas brasileiras no nosso mercado. E, depois, porque esse critério selectivo não estaria de acordo com o que se verifica com películas doutras nacionalidades. As fitas brasileiras, dum modo geral, devem ser pelo menos tão boas como outras argentinas, espanholas e mexicanas, exibidas entre nós.

Portugal e Brasil falam uma língua comum. No interesse mútuo — e até como afirmação dos laços que nos unem — os filmes brasileiros e os portugueses deviam beneficiar de regalias e vantagens, no sentido de fomentar um intercâmbio, que se está na ética dos povos nem sempre se traduz em realidades práticas. E o que se passa com o cinema documenta, afinal, a nossa afirmação. Os filmes brasileiros, e no que se refere à sua entrada em Portugal, foram equiparados aos de quaisquer outras nacionalidades, e o mesmo sucede no Brasil às fitas que de cá enviamos. Por defeitos de organização e outros motivos poderosos, as películas faladas em língua portuguesa têm dificuldade em projectar-se nos mercados que são o lógico prolongamento do país de origem.

Há filmes nacionais que o Brasil ainda não viu. Os outros nem sempre foram afortunados na exploração, por motivos alheios ao próprio valor. Quanto às películas produzidas nos estúdios do Rio de Janeiro, por singular capricho da sorte limitámo-nos a ver as piores e as mais antigas, entre as quais um «Descobrimento do Brasil» que nunca deveria ter saído dos laboratórios...

O nosso público manifesta constantemente o agrado com que vê, no palco ou na tela, os espectáculos baseados em motivos brasileiros. As fitas de Carmen Miranda, «Old, amigos!», «Voando para o Rio de Janeiro» documentam, no cinema, esse interesse e essa preferência. Quanto ao Brasil, a colónia portuguesa, só por si, garante aos filmes lusitanos um êxito animador. Nada explica, portanto, este aparente indiferentismo mútuo:

Que os filmes portugueses entrem no Brasil com vantagens idênticas às que possamos dar aos filmes brasileiros destinados ao nosso mercado — eis o nosso voto, programa de acção, a que vale a pena meter ombros. E no dia em que tal se verificar, o inter-câmbio luso-brasileiro terá dado, no campo do espectáculo cinematográfico, um magnífico e decidido passo em frente. E o resto, virá depois.

FERNANDO FRAGOSO



SHIRLEY TEMPLE

ou o drama duma vedeta que não pode aparentar a idade que tem

SHIRLEY Temple festejou, há dias, os seus quinze anos, durante as filmagens de «Since you went away», filme de David O'Selznick — o produtor de «E tudo o vento levou». Até aqui nada de extraordinário. A ex-menina dos caracóis, que foi a favorita das plateias do mundo inteiro, atravessa uma crise grave, pois a sua carreira cinematográfica assentava na sua graça infantil, que o tempo foi delidindo a pouco e pouco. Agora, parece disposta a reconquistar a posição perdida — e David O'Selznick deu-lhe a mão, em boa hora.

É interessante recordar que, durante muitos anos, os produtores afirmaram ter a vedeta uma idade inferior àquela que contava na realidade. Havia que manter no público a ilusão de que Shirley continuava a ser o bebé dos primeiros tempos. E para isso recorreram a todos os

truques e subterfúgios, pondo-a a contracenar com artistas excepcionalmente altos em cenários construídos de forma a sublinhar a sua baixa estatura.

Hoje, assistimos ao fenómeno inverso. O «slogan» dos publicistas americanos baseia-se no encanto de Shirley, agora em pleno desabrochar das suas graças de mulher. E, assim, dizem-nos que ela completou os seus dezasseis anos — quando afinal festejou os quinze. Se contarem as velas do bólo do aniversário, encontrarão mais uma do que a idade da vedeta justifica.

E, assim, Shirley Temple está condenada, no cinema, a nunca ter a sua idade verdadeira. Ontem, diminuíam-na. Hoje, aumentam-na. E neste facto podemos encontrar o drama da sua carreira cinematográfica.

Sabe alguma coisa de cinema?

- 1 — O papel de «Lola-Lola», a cantora de «cabarets» de «O Anjo Azul», foi uma das mais célebres criações de...
...Bette Davis
...Ida Lupino
...Marlene Dietrich.
- 2 — Lillian Harvey nasceu em...
...Londres
...Munique
...Paris.
- 3 — O papel de «Jesus Cristo», no filme «O Rei dos Reis», foi interpretado por...
...Leslie Howard
...H. B. Warner
...Spencer Tracy.
- 4 — O primeiro filme de Eleanor Powell foi...
...«Parada Maravilhosa»
...«Nasceu para dançar»
...«Ídolo musical».
- 5 — Charlie Chaplin apareceu nos braços de uma estátua, no momento solene da inauguração, em...
...«Luzes da Cidade»
...«Tempos Modernos»
...«O Circo».
- 6 — Uma destas artistas começou a sua carreira cinematográfica sob o nome artístico de Frances Dean...
...Betty Hutton
...Betty Grable
...Betty Compson.
- 7 — Al Jolson, que interpretou um dos mais célebres dos primeiros filmes sonoros, «O Cantor de Jazz», nasceu em...
...Tóquio
...Nova-Iorque
...Leninegrado.
- 8 — Al, Jimmy e Harry são os nomes próprios ou diminutivos dos...
...Irmãos Marx
...Irmãos Berry
...Irmãos Ritz.

(Vejam as respostas na pág. 17)

SUSAN PETERS uma nova estrela!

A guerra trouxe a revelação de uma nova constelação de estrelas! Susan Peters, Esther Williams, Dona Reed, Patricia Dane, são outras tantas «descobertas» dos últimos tempos.

Entre todas, Susan Peters parece ser uma das mais dotadas. Lisboa viu-a em pequeninos papéis — e não deu por ela. Mas «Noiva Perdida», onde figura ao lado de Greer Garson e Ronald Colman, trouxe o seu nome para primeiro plano. E hoje Susan Peters é uma autêntica estrela.

Em «Balada Oriental», de que damos uma cena, vamos vê-la, pela primeira vez como protagonista de um filme, ao lado de Robert Taylor, que obteve uma licença especial para poder concluir a sua interpretação, numa curta escala de alguns dias, entre duas batalhas.



As primeiras filmagens da «Noiva do Brasil»

A bordo do «João Belo» iniciaram-se no fim do mês passado, as filmagens da nova produção nacional «A noiva do Brasil», realização de Santos Mendes. O tema das tomadas foi o naufrágio de um barco em que viaja a «Noiva do Brasil» — Patricia Lencastre — que é atirada pelo mar para o Portinho da Arrábida. Virgílio Teixeira, que é o «imediatos», e tem a seu cargo o primeiro papel masculino, com a equipa de artistas e de técnicos — além de Santos Mendes, Aquilino Mendes, Patricia Lencastre, Virginia

de Vilhena, João Amaro e Fernando — seguiu para o Portinho da Arrábida, onde se fizeram algumas filmagens de ar livre e paisagem, de um acampamento de ciganos.

Patricia tomou as cenas tão a sério que, no final, teve de ser reanimada com algumas bebidas e repousar durante horas do abalo que lhe deram as roupas encharcadas e o contacto do mar.

Na foto, damos a equipa de técnicos quando operava a bordo do «João Belo», vindo-se, ao centro, em cabelo, o realizador Santos Mendes.



O meu amigo Venceslau

Vou contar-lhes hoje algumas histórias do meu amigo Venceslau. Venceslau, porventura um dos expoentes da nossa nossa sociedade, tinha de ilustrar estas colunas. Gorducho, meio-calvo, com bigodes, quasi sempre vestido de escuro, primo direito do Praxedes, de André Brun, é uma figura familiar, não apenas do Terreiro do Paço, onde exerce as suas funções públicas, mas, do Chiado onde pratica as suas obrigações mundanas. É um tipo alfacinha. As suas histórias fazem parte da sua história: são pequenos «clicbês» que reconstituem a sua personalidade.

Um dia, o chefe da repartição surpreendeu Venceslau dormindo, tranqüillamente, sobre alguns massos de papéis que requeriam urgência de despacho.

— Então o senhor vem para aqui dormir? — perguntou-lhe o chefe, sacudindo-o.

— Desculpe V. Ex., mas esta noite o meu filho mais novo chorou tanto que me impediu de pregar olho...

— Pois traga-o consigo, para o não deixar dormir na repartição! — retorquiu o chefe.

No dia seguinte, Venceslau, submisso e cumpridor como todo o bom funcionário, compareceu na secretaria, levando ao colo, burocraticamente, uma gritante criança de mama...

Venceslau veraneava numa das nossas praias. Uma tarde, sob um solido às riscas, o passo homem celiu Gerárdio Lobato. Quando menos se esperava, ouviu-se um grito; surgiu um alvoroço na praia; Venceslau ergueu-se dum pulo, inteiros-se do que se passava e correu vertiginosamente em direcção a casa.

— Que aconteceu, homem, para tu vires a correr dessa maneira? — inquiriu um conhecido que o encontrou no caminho.

— Vou buscar o meu cão para salvar um sujeito que se afogou agora... É continuo, vertiginosamente.

Certa tarde Venceslau, à porta da «Bertranda», brama-va contra as mulheres de letras.

— Confesso — dizia elle — que cheguei a ter verdadeiro entusiasmo pelas mulheres que se dedicavam a escrever. Hoje detestoo-as. Reconheci que não há seres mais pretenciosos e mais insuportáveis à superfície da terra.

— Mas porque mudou você de idéias? — perguntaram-lhe.

Logo Venceslau, franzindo o nariz: — Minha mulher principiou a fazer versos...



Caricatura de Zeco

RETRATO... E MOLDURA

OS homens são como as telas: precisam de moldura. Bem sabemos que um quadro, sendo bom, é sempre um bom quadro; intertando sem a moldura correspondente o quadro não ficaria nunca completo aos nossos olhos. Fernando Santos, pintor, homem de teatro, bric-à-braquista, espirito vivo e fulgurante, constituiu um bom retrato (que dir-se-ia elle próprio ter pintado misturando óleo e aguarela), mas temo de completar esse retrato revestindo-o da moldura que lhe corresponde. Essa moldura é a sua casa. Para explicar Fernando Santos é necessário surpreendê-lo no seu terceiro andar, à Avenida Almirante Reis, tão cheio de móveis, de quadros, de livros, de gravuras, de retratos, de «bibelots», de recordações, que, quem não tiver a leveza das borboletas ou a «souplez» dos gatos, arrisca-se a encalbar a cada passo — ou a partir aquilo tudo. Há caras que equivalem a biografias. A vida de Fernando Santos está ali toda. O pintor, o homem de teatro, o coleccionador, o pai de familia, o filósofo e — porque não dizê-lo? — o boêmio, retrata-se em cada uma das mil coisas que o rodeiam. Percorrendo aquellas salas, envoltas numa luz doirada e evocadora, reconstituem-se as telas, as peças, as predilecções e até as manias — essas tocantes manias que só as pessoas vulgares desdenham possuir — que constituem a personalidade de Monsieur Fernand des Saints, como diria Victor Hugo. Se todos os homens devem ter um lema na existência, o lema deste varão assinalado é, exemplarmente, este: Siga a dança. Nestas três palavras cabe todo um programa de bom humor — e de desenvoltura. No teatro, na pintura, no bric-à-brac não pára. A dança segue sempre. Pois então que siga a dança...



gentilmente a mão à sogra dêste para

a ajudar a subir a escadaria. De repente, escorrega e cai, arrastando na queda a respeitável senhora — que, entretanto, não sofreu senão o susto. Imediatamente, Venceslau, aproxima-se do amigo, aperta-o nos braços e murmurá-lhe ao ouvido:

— Não podeste fazer mais, mas agradeço-te a boa vontade.



Uma manhã Venceslau entrou, radiante, na repartição. Alvorçou os colegas:

— Sabem? Vou deixar isto. Fiz uma descoberta que me vai dar muitos milbões...

— O que é? O que foi? — interrogaram ao mesmo tempo cinco, seis, sete vozes.

— Uma caixa de música com uma fenda. Deita-se-lhe uma moeda...

— E a caixa começa a tocar... Ora, Venceslau, isso é velho! — exclamaram os amigos, troçando.

— Não é nada disso. Deita-se-lhe uma moeda — e a caixa não toca...



Venceslau tem, como todos os mortais, um sonho: ser rico. Há tempos não hesitou em prometer cinqüenta mil réis a Santo António se lhe saísse a sorte grande.

— Que número tens tu? — pergunta-lhe um amigo que sabia da promessa, na véspera do dia em que andava a roda.

— Nenhum. O favor está em me sair a sorte grande — sem eu ter entrado na lotaria.



Passava no Chiado — no Chiado flameante das cinco horas — uma mulher admiravelmente vestida, coberta de jóias que cintilavam à luz, acompanhada pelo marido que ocupa no meio bancário lisboeta uma opulenta situação. Comentário de Venceslau:

— Para o homem a mulher é, muitas vezes, um tesouro; para a mulher o homem não passa, com frequência, dum tesouro!



Um amigo de Venceslau, que é do Porto, veio passar com elle alguns dias a Lisboa. Visitou os mais conhecidos monumentos da cidade.

— Aqui tens tu o célebre zimbório da Estrêla! — exclama Venceslau apontando ao seu hóspede a enorme cúpula, escorrendo sol.

— É formidável, Venceslau! Logo este, com a maior naturalidade arqueológica:

— Isto é por fora. Por dentro ainda é maior...



Falava-se de certo politico que mudara recentemente de convicções, coisa que, decerto, não lhe sucedia pela primeira vez.

— É uma autêntica ventoinha! — comentava alguém.

— Não sejamos injustos com as ventoinhas — observou Venceslau, filosofando — Não são elas que mudam: o que muda — é o vento...

"Mau tempo no canal"

por Vitorino Nemésio

"A vida começou assim"

por António Vitorino

"Ela é apenas mulher"

por Maria Archer

LITERATURA

SOB o aspecto material de localização das cenas e personagens, como sob o aspecto narrativo para tecer o tempo na teia do espaço, sempre há-de haver regionalismo no romance. A função do romancista que quer libertar-se dessa necessidade restritiva consiste justamente em dar aos seus tipos humanos fantasiados e aos episódios em que eles se definem a maior amplitude de significação psicológica ou social. Nesse esforço se revela o poder universalista do escritor e a indole da sua cultura; na sua medida se reconhece o valor expressivo do romance, transcendendo a necessária regionalidade dos personagens ou dos casos.

Vitorino Nemésio parece situar-se a meio caminho nessa dimensão literária, tal como Aquilino permanece irreduzivelmente ao puro regionalismo e Cervantes — um exemplo entre tantos — na perfeita universalidade. Nem para este último caso poderíamos encontrar nunca um exemplo português, já que a impossibilidade de universalismo parece ser condição fatal da nossa literatura.

"Mau tempo no canal" representa na obra de Vitorino Nemésio o indicio de um notável esforço. Parece que a sua aptidão novelesca se confina irremediavelmente no espaço açoreano — espaço geográfico e humano em que o autor nasceu e em que vibram naturalmente as cordas da sua sensibilidade e as moias da sua imaginação. O romancista, mais ainda do que o poeta, está enraizado nos Açores, no seu "saislamiento", no seu clima mórbido e externamente imóvel, na sua humanidade fechada, retraída, inquieta, ansiosa de explosiva libertação sobre esse mar constante que a isola do mundo.

Para além disso, porém, Nemésio possui uma formação intelectual culta de homem que se evadira para mais largos espaços europeus. A universalidade do seu pensamento crítico, da sua cultura compreensiva e larga, insinuam-se voluntariamente na revolução romanesca e conseguem dilatá-la, humanizando-a. Este seu romance é um forte passo andado sobre muitas páginas da "Varanda de Pilatos" e todas da "Casa Fechada"; mas adivinha-se, sob pressão latente, uma espécie de respirar fundo e cansado do escritor que luta página a página contra a estreiteza humana do meio em que a sua "história" decorre. Já na escolha das personagens fundamentais deste romance parece ter havido o impulso, consciente ou involuntário, não importa, de cavar raízes psicológicas mais profundas nos tipos humanos representados. Não são, na maioria dos casos, açoreanos puros os que figuram neste romance — açoreanos nascidos e vividos nas ilhas e tendo perdido para sempre a memória psicológica das suas origens de migração. A intriga gira à volta de Dulmos e Clarks com deliberados caracteres cosmopolitas, saturados de ambientes distantes pela recordação ou pela vida experimentada. Mas por força os envolve o ambiente açoreano, a paisagem, a vida as paixões recalcadas, os pensamentos cercados de água por todos os lados. E ao próprio ambiente do romance, saído da imaginação do romancista, envolve-o esse "azoreano torpor" que lhe impõe uma atmosfera densa de mornaça.

Bem trabalha a imaginação de Vitorino Nemésio na fluência extraordinária dos episódios, incidentes, pormenores, choques morais, pequenos casos e pequenas conversas que se entrecruzam na intriga central do romance. A monotonia paira inexoravelmente sobre essas páginas sobrecarregadas mas sinceras, que se

resignam a aborrecer o leitor para não saltarem fora da verdade de que o autor é capaz.

Só essa fidelidade a si mesmo explica que Nemésio tenha construído um romance com figuras justas, coerentes, verdadeiras, nesse estreito mundo dos Açores, a despeito do seu inteligente esforço de universalização psicológica. O seu realismo compõe-se muito bem com a riqueza de imaginação interior, com a amplitude de cultura, com o europeísmo intelectual — e só assim foi possível erguer este romance com interesse, contra os factores de estreitamento que o condicionavam. Ainda algumas vezes range o esforço de composição do autor; saltam uma vez por outra episódios ou trechos de diálogo que parecem muito mais do romancista do que dos personagens — ou até extravagâncias de expressão que parecem destrambelhamentos de artista no conjunto sério e reflectido da obra. O leitor ficará perplexo, sem dúvida, perante retalhos como este: «Margarida não ia triste nem alegre: ia embrulhada no ca-

saco cinzento, de gola puxada acima. Mas logo o estilo e o desenrolar da fantasia entram nos carris e correm com ligeireza em que não se esconde o esforço de movimentação mantido pelo autor desde a primeira à última página. Na generalidade, as personagens vivem medianamente para serem verdadeiras e só a sua incoerente agitação íntima, a sua angústia muitas vezes inconsciente, as tiram de si mesmas para mais largos espaços da vida.

Nemésio revela neste livro um "estremo" do estilo muito mais firme do que em qualquer outro dos seus livros. As figuras são bem desenhadas, em traços sóbrios e eloquentes. As descrições de paisagem e costumes encorporam-se com a vivacidade, colorido, ironia. Aparece algumas vezes uma escusada linguagem brutal que não sóa muito bem. A verdade da vida não precisa disso para ser evidente na ficção literária. Mas em todo o livro se desenvolve um ritmo sagaz de linguagem e observação, um movimento bem composto das situações que ao leitor menos vulgar compensa a monotonia da narração.

"Mau tempo no canal" é um romance com vincada personalidade literária e isso basta para o absolver de muitos defeitos.

Há uma estética privativa da sin-



O ÚLTIMO LIVRO DE AZORIN

UMA tempestade mortal dispersou e confundiu essa geração de 98, que bem merecia ter dado à Espanha uma nova e definitiva estrutura ideológica. Entre os grandes dramas contemporâneos desse país, o destino não só material mas principalmente moral da geração a que pertenceram Unamuno, Joaquín Costa, Gárvinez e de que sobreveio ainda Azorin e Pio Baroja, é dos mais desoladores e estranhos. Parecem cortadas todas as pontes da realidade ambiente a esses dois artistas admiráveis que se debruçaram durante cinquenta anos, com tristeza e simpatia, sobre os absurdos da natureza humana. O último livro de Azorin, anunciado numa entrevista, intitula-se: «Ela isla sin aurora». A acção da novela decorre numa ilha do Pacífico, um mar que já o não é mas que o escritor persiste, por teimosia da imaginação, em considerar distanciado da guerra e das crises sociais. Na matéria e na intenção, esse livro deve ser diferente de todos os que Azorin escreveu até agora. Talvez uma compensação literária para as desilusões amargas, a descrença no seu momento histórico, o vazio da vida exterior que deixou adivinhar em grande parte da sua obra — nessa extraordinária análise intelectual do homem moderno que é «Ela Voluntad».

Assim o representa este retrato em que se debruça sobre as suas famosas «cartillas», escrevendo sempre sem repouso nem desânimo — um homem que vive de literatura e só nela encontra expressão para o seu intenso sentido do humano.

As suas opções sobre o ambiente das letras interessam-nos um pouco, porque em muitos aspectos se assemelha o da Espanha ao de Portugal: «Parece que o tema palpitante desta época literária é o das traduções. Não creio na influência perniciosa das literaturas estrangeiras. Em Espanha sempre se traduziu muito e sempre se considerou este facto como um sintoma favorável para a nossa cultura. Quando um autor espanhol tem algo que dizer, sabe dizê-lo no seu próprio tom; tivemos os escritores mais originais na literatura e, em especial, sobre o acerto desta com a vida, deixou Azorin numa das suas mais recentes novelas, «El Escritor», uma análise límpida e eloquente. Mas em outras páginas nota-se uma imprecisão inquietante, alguma coisa que parece trair o Azorin de outrora mas em que se descobre o nítido desejo de não deixar perder o essencial da sua personalidade.

Desencontro dramático, sem dúvida, para o escritor que tão sinceramente se exprimiu outrora e soube ver o homem, a partir de si próprio, com a mais nobre claridade. Foi um admirável criador de géneros, ou melhor, da arte de escrever sem género algum. Menos lírico do que Unamuno, menos analítico do que Pio Baroja, pela pena abriu caminho à mais completa expressão da sua indole intelectual e artística. José García Mercader está a compilar as pequenas obras sódas de Azorin ainda não editadas em volume. Nesses livros, intitulados «Tiempos y cosas» e «Palabras al viento» encontrarão os seus leitores o Azorin de sempre, em que a sinceridade impecável se alia tão bem a certa ternura diluída no julgamento dos homens e dos acontecimentos.

ceridade mais simples — essa arte de pensar muito pouco no efeito artístico quando se exprimem literariamente as verdades vindas da experiência da alma, ou do corpo. Não é estética que sirva ao escritor genuíno, nem com ela se criam, talvez, obras de génio. Nestas, a matéria conforma-se livremente à estrutura espiritual do artista e, sem seguir um cânone préfixo, cria a sua própria unidade, no estilo, no pensamento e na fantasia.

António Vitorino é um novelista de sinceridade flagrante. Sente-se a vida e a experiência do autor está muito próxima da expressão literária. Não tem unidade de estilo — tem unidade de vida e do sentimento experimentado nela e em face dela.

No livro de narrativas realistas «Gente de Vieira», que foi acolhido com justa simpatia mas injustamente se esqueceu depressa, já essa indole do escritor populista, com pouca arte mas intensa verdade humana, se revela — fortemente. Mais se acentua nesta colectânea de novelas «A vida começou assim», de que é depositária a Editorial «Cosmos». Aqui a imaginação parece correr um pouco mais livremente. Não são olhos prevenidos de homem que assistam às histórias, simples, vulgares e terrivelmente dramáticas histórias que nele se contam: são os olhos de criança ou de adolescente na primeira fase da descoberta da vida, olhos virginalis e tristes que conhecem o sofrimento porque já se sofreu também.

Os escritores muito cheios de fórmulas ou muito cheios de si poderão dizer que neste livro há pouca arte. O autor reconhece-o numa carta-préface em que o caracteriza «sem arte mas com dramatismo». Na vida e em mesma não há arte alguma, com efeito, mas há um dramatismo de origem que em certos casos humanos se condensa com força. É essa verdade directa das vidas sofredoras que António Vitorino quer exprimir no «Chico Rufino, no Ti António Russo, na Ti Ermelinda que endoideceu de saúde.

Há neste processo um defeito irremediável? Com certeza que sim — mas é de todo realismo sem composição cota a arte. O autor destas novelas que emocionam quando se lhes apreende a realidade pungente, mas cuja leitura fatiga um pouco, cita Raúl Brandão na génese do seu livro. Há qualquer afinidade entre o autor do «Humus» e António Vitorino; mas este é um Raúl Brandão que vem da vida atroz para a sua expressão culta — e aquela caminhava do prévio dom da expressão para o conhecimento ou reconhecimento da miséria da vida. Ela começou a existir não em livro belo, mas é verdadeiro e humano; e literariamente felizes são os seus diálogos e algumas cenas em que a realidade salta à vista num golpe de representação directa.

A escritora Maria Archer, se não tivesse outras virtudes literárias, possuiria decerto a da persistência, documentada em quatro volumes de novelas, dois de ensaios, folclore, literatura infantil, cadernos coloniais, etc. Pela persistência adquiriu o treino da linguagem literária comum — se não isto não há paradoxo, porque o autenticamente literário não pode ser comum. Maria Archer escreve facilmente, improvisa a ficção sem custo, conhece os personagens com a rapidez com que conhecemos e apertamos a mão a pessoas inúmeras. Faltam-lhe justamente as qualidades contrárias — as que fazem romans de forte e definido; escrever com custo para ser simples e claro, trabalhar a fantasia que é demasiado fluente e estreitar as personagens comuns em tipos. Na tentativa de romance «Ela é apenas mulher», Maria Archer desenha arbitrariamente a marcha de uma vida e faz girar à volta dela os episódios e os bonecos da imaginação. Sai daí um livro frouxo e fútil, em que a autora parece ter passado com a desenvoltura graciosa mas viciada de uma vicheira mudana; um romance jornalístico e deambulatório — evocando o melhor caminho desta escritora que é o da crónica improvisada e da impressão breve.

OS LIVROS DO MOMENTO

UMA ENTREVISTA COM Laura Puchol que foi a Madrid para filmar...



a necessidade de tratar assuntos de teatro...

— De teatro?
— Sim. Penso levar daqui elementos para organizar espectáculos de categoria internacional durante a temporada de Inverno em Madrid e em Barcelona. Na capital espanhola, talvez no teatro Fontalva ou Reina Vitória, e na capital da Catalunha no teatro Tivoli.

— Pode saber-se quais são os elementos com que conta?
— Laura Puchol, figurinha gentil de boneca atrevida, sorri misteriosamente:

— Por ora é cedo, isto é, não me convém citar nomes...

Mas o jornalista insiste:
— Ao menos um...
— Olhe: a pianista Beatriz de Sousa Santos irá comigo antes da sua partida para a América... E mais não digo...

— Constou que você iria filmar...
— Ia precisamente falar-lhe nisso... Volto a Madrid com o elenco português e para tratar de assuntos de cinema. Possivelmente interpretarei um filme que terá duas versões. Também tenho convite para ir a Barcelona gravar discos para «A voz do seu Amos!»...

— Belos projectos, heini!...
— O sorriso de Laura não se apaga: — Espero que tudo corra bem na nova e grande digressão que vou começar em Espanha.

— Quanto tempo se demorará?
— Não sei. Tudo depende das circunstâncias e do andamento dos negócios...

A convicção com que Laura Puchol fala dos «negócios», tem graça e um sabor especial...
— Não sente pena em sair de Portugal?

Finalmente, o sorriso de Laura tolda-se... Custa a encontrar a resposta.

— Existe algum sentimento forte que a retenha por cá?
— Laura debate-se no cerco em que, sem querer, a envolvemos...

Não mais lhe arrancamos uma palavra. E é com gesto fidalgo e amigo que põe ponto na conversa... Dêsse gesto filtra-se um regimento de reticências...

Dar-se-á o caso de Laura Puchol estar apaixonada?...

QUANDO há seis anos Laura Puchol apareceu ao microfone da E. N., interpretando trechos espanhóis, toda a gente pensou — e determinada Imprensa até o disse — que a artista era espanhola.

Podemos, no entanto, desmentir e rectificar o erro: Laura Puchol é portuguesa, bem portuguesa, nascida e criada na Foz do Douro, no lusitaníssimo rincão nortenho. O seu apelido, Puchol, é, de facto, pertença de família oriunda da nação vizinha — pois os seus ascendentes eram espanhóis.

A Laura Puchol esteve ausente um tempo de Lisboa. Quando regressou concorreu ao Concurso de Cançonetas da nossa estação oficial e classificou-se em segundo lugar.

E sabem porque esteve longe da nossa rádio? Porque esteve em Madrid a colher êxitos sobre êxitos, e elogios da Imprensa espanhola. Quando da sua estreia, foi entrevistada ao microfone e o locutor, amabilíssimo, teceu-lhe os mais rasgados elogios, classificando-a de magnífica intérprete de canções portuguesas e brasileiras.

Laura Puchol, sorriso permanente, mostrando uma fiera certa e alvissima de lindos dentes, conversou há dias connosco na sua passagem pela capital precisamente na véspera da sua partida para Espanha, onde já se encontra.

— Você tornou a Lisboa, cheia de saúdes, não?

— Um pouco, sim. Todavia, o verdadeiro motivo da minha vinda foi



BJOERNSTJERNE BJOERNSON (PRÊMIO NOBEL)



EDITORIAL MINERVA RUA LUZ SORIANO, 31-33



FAR NIENTE

(Continuação da página 21)

Por isto mesmo talvez nós parámos encantados diante dos velhos em quem o talento, como a lâmpada perece, sobrevive ao desfibrar lento da idade. Gualdino Gomes não é, por ventura nossa, um exemplo desta espécie de glória de viver contra os enganados da vida?

Só os precipitados doentes se suicidam. O desengano da mocidade é a maior vitória da razão, escreveu profundamente o genial António Vieira.

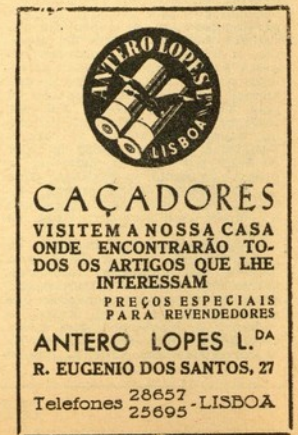
O preguiçoso não é um decadente. É um sábio de ilusões perdidas. Devemos naturalmente sustar as nossas falas quando êle diz muitas vezes: «No meu tempo...».

Porque o Tempo é uma redacção de Deus, num papel branco que perpassa diante de nós todos os dias, em todas as horas de todos os dias, e no qual a nossa mão direita, misteriosamente guiada, escreve a lição do nosso próprio destino, enquanto nossos lábios estremeçam rezando para que êle, em esperança e em fé, por sermos melhores do que somos, seja muito melhor...

F. V.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»



Os livros que deve ler

Uma entrevista oportuna

CURADO RIBEIRO

fala-nos sobre RÁDIO, CINEMA, TEATRO e outras coisas mais

FERNANDO Curado Ribeiro é um dos mais inteligentes artistas portugueses com quem temos conversado nos últimos meses... Não fazemos tal afirmação por compadrio, pois que mal o conhecemos e que já o temos criticado, por várias vezes. Mas, do facto de privarmos com muitos — com inúmeros... — artistas e sabermos que a maior parte deles não possui, sequer, um mínimo de cultura geral, de respeito à modestia e de isenção crítica, torna-se justo destacar aqueles que, como Curado Ribeiro, tem fé na nossa admiração e à nossa simpatia não só pelo que são mas também pelo que pensam e pelo que dizem.

UMA HISTÓRIA EM 24 ANOS...

Pôsto este preâmbulo, com ares de solene, passemos a contar aos leitores a história de Curado, se acaso ainda não o conhecem. E vamos contá-la, fazendo referência apenas aos anos mais importantes na sua vida... de vinte e quatro anos.

Fernando Curado Ribeiro nasceu aqui, em Lisboa, o que tem acontecido a muita gente. E nasceu como todos nós nascemos. (Todos os quase todos...) A esperar, a guinchar, com uma cara muito feia, muito redonda. Nessa altura, ninguém poderia adivinhar o seu futuro. Quem sabe, talvez o sonhassem médico ou advogado, ou escultor, ou pianista erímio... Não importa! Importa, sim, que na noite do seu nascimento não deitou ninguém dormir em casa. Só acabou de chorar, quando a manhã surgiu. Ele próprio nos diz sorrindo: «Já então eu gostava de berrar umas coisas...».

E assim, ele continuou, sempre, a berrar umas coisas durante toda a infância.

AOS CINCO ANOS — Cantou pela primeira vez, em público. O público era constituído pelas visitas de sua casa, pessoas da melhor sociedade sul-americana que residiam então em Lisboa. Alguns portugueses, de mistura. Essa estreia ficou memorável para Curado Ribeiro. Quasi por detrás dum reposteiro, quasi enfiado nos seus calções largos, sem saber onde meter as mãos, com os olhos pregados no tapete da sala, com um incêndio interior que o fazia tremer todo, lá cantou, como pôde, essa popular canção infantil, conhecida em Espanha pelo título gracioso de «Chiquelins». E ele confessava-nos, hoje, a sorrir: «Nunca cheguei a saber como aquilo foi. Mas, verdadeiros ou fingidos, todos me aplaudiram...».

AOS SEIS ANOS — Ele conheceu uma senhora que não mais esquecerá: a mãe de Carlos Gardel, o maior cantor de tangos que o mundo possuiu, e visita íntima da casa. Junto de Fernando, a senhora recordava-se do seu Carlos, tão longe, tão longe. E incitava o pequeno Curado Ribeiro para que continuasse a cantar: «Tienes mucha vocación, Fernandito. Talvez um dos maiores e dos mais sinceros elogios, recebidos até hoje».

AOS 10 ANOS — Chegou o tempo dos liceus, das companhias, do jogo da bola, das partidas aos professores... Ele foi para o D. João de Castro, mas só lá esteve um ano. Depois transitou para o ensino particular. As companhias, as paródias, as aventuras não deixaram de existir, porém, por causa disso.

AOS 16 ANOS — Já era bem conhecido pela sua voz quente, melodiosa — nas festas colegiais, onde as jovens armavam «intriguinhas» para dançar com ele mais vezes...

AOS 18 ANOS — Fêz exame de admissão ao Técnico e regressou a casa, levando uma enorme «raposa» aos ombros. Mas não era, precisamente, uma «raposa» sargentina. Para se vingar disse mal do Técnico e foi para o Instituto Industrial.

AOS 19 ANOS — Já então os seus melhores amigos eram artistas. E a sua vocação para o canto acentuava-se... Assim, Curado Ribeiro começou por perder o primeiro ano do Industrial. Mas, em contra-partida, apresentou no Teatro Avenida uma revista intitulada: «Voando sobre Buenos Aires». (Este «Buenos Aires» referia-se apenas à rua do Instituto Industrial...). A revista, em que ele fez quasi tudo, desde os versos à representação, ajudado por três companheiros (que também perderam o ano) foi um autêntico êxito e revelou aos poucos críticos profissionais que lá apareceram um grande cantor e um bom actor: Fernando Curado Ribeiro.

AOS 20 ANOS — Entrou por convite especial, para o Grupo «Excêntricos do Ritmo» que Curado Goncalves de organizou. Estreou-se na Emissora, nesse mesmo ano. Hoje, pode dizer-se, sem favor, que ele era a melhor e a mais promissora revelação dos «Excêntricos do Ritmo». Mas o bom tempo... durou pouco tempo.

AOS 21 ANOS — Curado Ribeiro foi chamado para prestar serviço militar e andou pelo Algarve, metido em rélcitas e espectáculos. E curioso relembrar o seguinte: quando o grupo de sargentos milicianos, a que Fernando pertencia, chegou a Tavira... a população da cidade gostava muito pouco de sargentos milicianos. Mas bastou uma rélcita... e a voz de Curado Ribeiro. Ele ficou a possuir em Tavira alguns dos seus maiores admiradores! E desde aí já todos conhecem o resto da história. Vencedor dum Concurso para locutor da Emissora, Curado Ribeiro tornou-se imediatamente conhecido de muitos milhares de ouvintes, tanto de Portugal, como da América, para onde falava em ondas curtas.

E dá-se então um curioso caso: a Emissora proíbe terminantemente que ele cante nos seus programas, porque não era solene (sic) e porque não devia acumular... Choveram protestos, cartas, telefonemas. Um grupo de cento e tal costumesas ouvintes da Emissora, enviou um abaixo-assinado rogando que Curado Ribeiro voltasse a cantar. Da América, vieram também muitos pedidos. Mas a Emissora não se demovia...

Até que em 1943, no Concurso para artistas de Rádio, ele «quasi» ganha o primeiro lugar. E escrevemos «quasi», porque o júri levou tempo a resolver, surgindo até o alvitre do primeiro prémio ser dividido ao meio. Afinal, Curado Ribeiro acabou por apanhar uma excepção: a menção honrosa.

Mas, entretanto, terminou a proibição da Emissora. Ele voltou a cantar, para satisfação e deleite dos seus inúmeros ouvintes. E, este ano, triunfalmente ganhou o Concurso a que tinha jus e direito, pelas suas qualidades inegáveis. O júri classificou-o por unanimidade.

Entretanto, Curado Ribeiro estreou-se no cinema. Chamado como candidato à «Menina da Rádio» acabou por convencer Artur Duarte de a realizar primeiramente «O Costa do Castelo», entregando-lhe, a ele e a Mité, os principais papéis. E inicialmente estavam indigitados para Igrejas Caetano e Graça Maria.

Esta é a história dos vinte e quatro anos de Fernando Curado Ribeiro. E não se pode dizer que não seja uma história magnífica. Hoje, ele é, indiscutivelmente, um artista de primeira plano. Simpático, agradável, nada vaidoso, com um magnífico espírito de auto-crítica, tem, de facto, os predicados necessários e suficientes para continuar a sua ascensão artística. E se o futuro estiver de harmonia com o presente, ele será bem alto, decerto. Locutor, Cantor, Actor de Cinema e... futuramente Actor de Teatro. Sim, actor



de Teatro. Mas isso é outra história...

ELE VAI PARA O TEATRO NACIONAL!

Poucos leitores devem saber. Mas é verdade. Curado Ribeiro esteve à beira, mesmo à beirinha, de se ter estreado, na época passada, no Teatro Nacional, interpretando um papel de «O Ausentes». Foi-lhe dado o respectivo papel por Robles Monteiro, ele levou-o para casa, estudou-o e recusou-o. Porquê? — perguntarão os leitores.

E o próprio Curado Ribeiro que lhes responde: — «Achei o papel fraco. Não me interessava. Se fôr para o teatro, quero entrar por cima e não por baixo».

Depois, ele revela-nos que Robles Monteiro lhe prometeu uma boa estreia para esta época.

E, numa confissão sincera: — Em teatro, prefiro os papéis dramáticos, intensos e fortes. Nada de galãs bonitos...

Portanto, aguardemos a decerto já próxima estreia de Curado Ribeiro no Nacional. E como se fala, também na próxima estreia de Mariana Rey Colaco, talvez eles surjam na mesma peça. Tudo é possível...

A conversa pula do teatro para o cinema. E ele diz-nos com a sua habitual franqueza que não está satisfeito com os papéis que tem desempenhado.

— Tem-me sempre imposto papéis de galã que eu não sinto. Daí um esforço enorme para os assimilar. E não chegam a resultar sinceros.

Depois tece elogios a Artur Duarte, que no seu entender, consegue essa coisa maravilhosa de viver em Portugal à custa exclusiva do cinema e revela-nos as esperanças que tem para o seu próximo filme «Heróis do Mar».

— Vou fazer um papel de «ralé», e disso é que eu gosto verdadeiramente. De maneta que «Heróis do Mar» vai ser uma prova decisiva para mim próprio.

Contudo, não sabe ainda bem se Artur Duarte realizará já de seguida «Heróis do Mar» ou «Alô Madrid, daqui Lisboa», em que ele também é protagonista, com um papel dos tais, ou um outro filme, com António Vilar no principal papel...

Sobre o cinema português em geral, a opinião de Curado Ribeiro é clara:

— Temos artistas e realizadores. Falta-nos dinheiro dinheiro e técnicos. E falta-nos igualmente a possibilidade dum lucro certo, o que não pode obter-se, havendo em Portugal apenas duzentos e tal cinemas.

E lançamos uma pergunta certa:

— Mas qual prefere? O Teatro, o Cinema ou a Rádio?

E logo ele, sem hesitação alguma: — A Rádio! É mais difícil de vencer na Rádio de que no Teatro ou no Cinema, porque ela necessita dum maior conjunto de qualidades. A Rádio é mais ingloria — pois representa bastante dificuldade convencer apenas com a voz...

VIRTUDES E DEFEITOS DA RÁDIO PORTUGUESA!

A conversa recua agora exclusivamente sobre aspectos da rádio em Portugal. Fernando Curado Ribeiro depõe, sincero e conhecedor:

— A rádio, em Portugal, é mal paga

e faz-se a brincar. Acredite, não se trabalha a sério. E digo isto porque todos nós, os profissionais da rádio, não podemos viver, afinal, da nossa profissão. Temos de fazer várias coisas, cá por fora, para nos ajudarem a viver. Assim surgem as acumulações, sempre imperfeitas e prejudiciais. E não chega a haver profissionais verdadeiros na nossa rádio.

— E no seu critério, como se poderia resolver a situação?

Ele sorri, franco: — Resolver já, é muito difícil, sendo impossível. Mas podia-se remediar — estabelecendo antes de mais nada um salário tal, que nos permitisse independência absoluta. Depois, dar especializações aos diversos elementos. E não pretender, de maneira alguma, que sejamos, como alguns pretendem ainda, uns enciclopédicos volantes...
Há uma pausa. E ele afirma:

— Acho que isso há-de ser alcançado. A Emissora Nacional tem melhorado bastante, mas não o suficiente.

— Mas logo de seguida, num desabafo:

— Veja só isto. A rádio-produção assenta principalmente num assistente de produção e na locução. Pois são precisamente os dois trabalhos mais mal pagos da rádio. Basta isto... Um fadista ganha mais do que Vitorino Nemésio, por exemplo. Quere melhor prova?

Abordamos o assunto dos postos particulares, da dificuldade da sua vida e da necessidade duma liberdade maior.

Curado Ribeiro crê que se deve chegar brevemente a uma solução para esse problema. Talvez uma secção de rádio dentro do Secretariado remodelado, fazendo o comando geral dos postos particulares, consiga alargar as suas possibilidades de vida, permitindo-lhes mesmo a publicidade, mas sem abusar.

A entrevista — uma conversa de duas horas e meia — aproxima-se do final. Curado Ribeiro confessa-nos então que espera apenas o fim da guerra, para se ir embora, para longe. Já recusou dois valiosos contratos de Espanha e um da Argentina. Agora está disposto. Irá para a América do Sul, talvez de preferência para a Argentina.

E já agora, uma grande novidade para as suas admiradoras. Segundo nos disse, Curado Ribeiro ainda não tem noiva. Há alguma leitora que se candidate? E aproveitar!

REPÓRTER DOIS

Filipe Lorient

DISSE-SE que Filipe Lorient, violoncelista de mérito da E. N., estudara em Paris — quando não é exacto, pois, em Lisboa é que foi aluno de Paul Grunner. Filipe Lorient, que foi também aluno de Guilhermina Suggia, não precisou de sair de Portugal para nos dar provas da sua arte — o que não quer dizer que não venha a fazer alguma viagem de estudo e de demonstração dessa arte que todos nós apreciamos...



INGLATERRA

Londres voltou às inquietações de 1940. Voltou a sofrer o peso dos grandes bombardeamentos — desta vez mais deploráveis, porém, porque são cegos e caem sem saber onde. Por isso a população londrina teve de regressar aos abrigos subterrâneos que começam a ser menos seguros, porque as bombas voadoras atingem profundidade maior. Este abrigo, de resto, não passa de um antigo túnel adaptado, com certo ar de conforto, a abrigo contra bombas...



ITÁLIA

Milão voltou a ser bombardeada. Quantos são já os ataques da aviação aliada? Os alemães, para fazerem a sua propaganda, junto das populações por eles dominadas, fixaram, como se vê na foto, letreiros expressivos: Milão ferida pelos libertadores anglo-saxões: igrejas destruídas, 63; escolas, 144; instituições culturais, 145; prédios, 10.770.

ALEMANHA



Esta fotografia histórica foi tirada durante o julgamento, em Berlim, de quantos estavam implicados no atentado frustrado de 20 de Julho, contra Hitler. De pé, vemos o general von Hagen, prestando declarações. Detrás, sentado, o general von Wartenburg. À direita, de claro, e sentado, o general von Hare e, mais ao centro, bem atrás, quasi escondido entre os guardas, o general Steiff, de quem se vê apenas a cabeça. Como se sabe, o tribunal condenou-os à morte, sendo executados às duas da madrugada. Na frente dos réus, vêem-se os seus advogados — desta vez munidos de muito poucos papéis para a instrução. Em compensação, o número de polícias é bastante elevado, para um julgamento que foi rápido e dramático pelas circunstâncias de que se revestiu, nenhum dos acusados tentando iludir a sua responsabilidade nem modificar as intenções do tribunal.

Por quanto tempo?

TANTA vez se falou na «segunda frente», como frente de batalha da Europa ocidental, que por toda a parte se tinha chegado a estender certa vaga de descrença acerca da sua realização. Depois, quando nas praias da Normandia se fizeram os primeiros desembarques, ao calor inicial sucedeu certo desapontamento com a lentidão das operações: «mas porque é que não fazem outros desembarques?» — perguntava-se. Falava-se do sul da França e clamava-se pela oportunidade e conveniência de uma tentativa sobre a zona Dieppe-Ostende, com a ponta de Calais, por ser a mais próxima da costa britânica, portanto a mais facilmente ameaçável pela distância das bases de partida. O desembarque no sul da Europa fez-se, mas o da zona da Mancha tornou-se desnecessário porque, de certa altura em diante, após a perfuração de Avranches, a luta mudou de ritmo e transformou-se em rápida guerra de movimento, que não tardou a pôr as colunas aliadas nos limites orientais da França — frente do Reich. Este ritmo apressado tira, praticamente, todo o interesse de comentário aos acontecimentos: que se pare um mês diante de Caen — e pode ser de compreensível curiosidade ouvir falar das paisagens e costumes da Normandia ou da catedral de Chartres; mas quando vemos, por exemplo, anunciar-se, quasi ao mesmo tempo, a tomada de Paris, Marselha, Bordéus e Lyon, já ninguém se detém a falar de quatro catedrais por dia, mesmo que elas sejam tão famosas como as de Rouen e Reims, duas cicatrizes quasi ainda sangrando da guerra de 1914-18.

No leste europeu, o «blitz» diplomático, activado pela demonstração militar conjugada dos dois lados da Europa, operou a reviravolta sabida na Roménia e na Bulgária. Na sua expressão colhida das realidades, não há que buscar para essa atitude outra explicação que não seja a que resulta da própria força dos acontecimentos: quando aqueles países se acitaram rotacionados pelo dominador que fizera camaleão e cair as grandes potências continentais — aceitaram uma colaboração que pode não ter sido de coração mas se afigurou, de momento, como sendo de razão; hoje, o dominador é, por seu turno, o dominado, e vê cindir-se de si os que só pelo constrangimento das circunstâncias tinham aceitado acerta o passo.

Tudo surge, deste modo, aos olhos do observador — de toda a gente, sem necessidade de se apelar para o depoimento de quem quer que se suponha mais sagaz ou mais informado — com uma directriz e um ritmo que não justificam, por aí além, a ansiedade pelo comentário. De maior oportunidade parece, entretanto, ter começado a ser pergunta: até quando?

Churchill, não há muito, mostrou-se optimista; nos jornais de Londres e de Washington, os comentaristas puseram já a hipótese do fim da guerra ainda para este ano, sabido que o fim do verão reclamará exigências e necessidades novas de reservas e de energias que talvez não possam revelar-se; o sub-secretário americano do Departamento de Guerra, sr. Roosevelt em perfilhar o grau de optimismo contido naquela hipótese — condicionando-a, porém, com o não abrandamento da medida de esforço que tem estado a ser dado e que, em sua opinião, será necessário manter para a ponta final.

E fora de dúvida que o esquema impetuoso dos combates nos arrasta à convicção de que devemos considerar a guerra na sua fase final. Pelo menos: desta guerra, desta que rompeu em 1939 e a cujo desenvolvimento temos assistido durante cinco angustiosos anos. Pade admitir-se que o conflito não toque o seu termo sem que surjam armas até agora não empregadas ou, pelo menos, a ameaça do seu emprego em massa, em proporções e de consequências que se anunciariam catastróficas, mas o certo é que a luta desta guerra e de todas as guerras indica que as armas novas — dentro de pouco tempo neutralizadas — não são de efeitos decisivos: parada e resposta. O problema será o despertar do cataclismo, o arranjo, o ajuste, o reagrupar do velho mundo, abalado até aos mais profundos alicerces da sua estrutura. Que soluções se poderão encontrar para tantos problemas que estão postos e para outros que se adivinharam? Porque, desta vez, não serão apenas os já de si complicados problemas de fronteiras, mas outros mais graves, mais extensos e mais profundos, que passam por cima de todas as fronteiras e envolvem a própria concepção da vida dos homens e dos povos. Os homens que forem sentar-se à mesa da paz terão diante de si tarefa de incomensurável melindre. A história julgá-los-á pela medida de compreensão de que subberem dar provas — e saberá guardar por eles gratidão imortetória se não tiver que se dizer: tanto sangue corrido, tanto esforço dispendido e uma oportunidade perdida...

J. R. S.

PARA ONDE VÃO NA PAZ AS MULHERES DA GUERRA?

«Não poderá contentar-se com o regresso a casa, para tratar das crianças...»

Quanto a Laraine Day, é de outra opinião: «Se chamam liberdade passar oito ou dez horas por dia numa fábrica barulhenta e atarefada, lembrei-me que, para o conseguir, a mulher precisará de se levantar pelo menos às 6, para lavar os filhos, fazer o almoço, preparar para ela e para o marido alguma coisa que comer, ir levar as crianças ao internato e correr como uma doida para chegar, às 7 e meia, ao trabalho... À tarde, de regresso a casa, já fadada, passa pelo internato, cuida dos filhos, come, deita-se cansada, para recomeçar no dia seguinte... Este isto é a emancipação feminina, eu prefiro a escravatura...»

Eis um problema mais que vai surgir no após-guerra...

A Conferência Monetária vai, por certo, resolver este problema que tem paralelos com o trágico desfile de desempregados que assoberbou o mundo depois da outra guerra. Os homens — que serão menos, porque muitos morreram — irão de braços caídos para uma nova tragédia tão horrível como a guerra?

E as mulheres? Esses milhões de mulheres que deixaram o lar, que perderam o contacto das coisas femininas e se endureceram nas durezas desta guerra?

O que vão fazer essas mulheres, quando acabar a guerra?

A opinião das norte-americanas não é de todo coincidente. Assim, por exemplo, enquanto Anna Lee afirma que as mulheres devem ficar na indústria, Laraine Loy é de opinião que o seu destino está no lar.

«A emancipação das mulheres — diz Anna Lee — começou depois da outra guerra, permitiu-lhes alcançar o direito de voto, por quasi toda a parte. Mas, as carreiras que ela abraçava eram quasi sempre de segunda categoria e pouco interessantes: esteno-dactilógrafas, telefonistas, caixeiros — e, só quando era excepcionalmente dotada lhe concediam a honra de ser jornalista, professora, médica ou advogada. A guerra mudou tudo isto, porque elas foram capazes de demonstrar tanta capacidade de trabalho e de energia como os homens. Principalmente nas oficinas e nas fábricas, onde a mulher se fez técnico especializado, tão completa como qualquer homem. Quando a guerra acabar, a população feminina





O general francês Koenig, chefe das Forças Francesas do Interior

Fôrças de Libertação

tavam munições para combater a policia ocupante que carregava sobre os patriotas.

— Perdemos, assim, nos quadros de organização, muitos oficiais de grande valor que nos fizeram falta sensível. Era preciso recomeçar do principio... Mas nós não desistimos nem falávamos: cerramos os dentes e preechimos clareiras. Viam-se, assim, generais do activo, ao lado de chefes de sub-divisão, de 20 anos de idade, estudantes com os seus professores, sob o comando de um camponês bretão que é hoje comandante de região... Estas fôrças podem ter influencia decisiva na unidade futura da França!

O comandante Drumond refere-se, em segunda, às dificuldades de armamento:

— Só há pouco começámos a recebê-lo. De modo que nos servíamos do que tínhamos: uma moça servia para inutilizar uma sentinela a quem tirávamos a espingarda. Às vezes, até, se tínhamos sorte, ganhávamos uma metralhadora. No fim de algum tempo, era possível arranjar armamento para um pequeno grupo devidamente instruído que atacava, então, um depósito de armas... Esses exércitos, naturalmente, estão hoje a ser auxiliados pelos Aliados.

«E, além destas tropas, os americanos, nas zonas libertadas, deixamos ficar as armas dos alemães, facto que não se tinha previsto. Dêste modo, o nosso material aumenta consideravelmente, à medida que avançamos. Entretanto, para as sabotagens, faltam-nos explosivos, de modo que nós próprios temos que os fabricar.

— E esse movimento de sabotagem como se organizou?

— Estávamos em contacto com Londres e, através de Londres, com Argel. Mas o plano de conjunto foi inteiramente organizado pelo Estado-Maior das F. F. I. que, aliás, se entendia por seu turno, de modo geral, com toda a população francesa. Hoje, temos relações com os exércitos americanos, em absoluto pé de igualdade. Creio que, até certo ponto, a nossa organização foi uma surpresa para as fôrças invasoras.

Hoje, sentimos-nos honrados com as felicitações oficiais que nos endereçou o general Eisenhower, juntamente com os agradecimentos do 3.º exército americano e do seu general Patton.

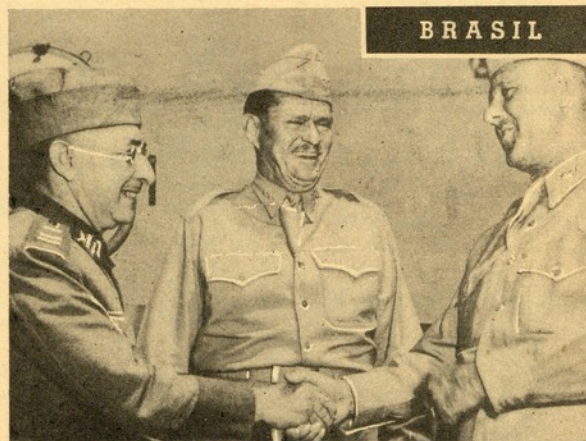
O coronel Drumond falou, depois, do papel que as F. F. I. estão a desempenhar, como em Nantes, por exemplo, cuja queda facilitaram. Refere-se ao significado da nomeação do general Koenig para comandante das F. F. I., que dispõe agora de uma certa centralização e ganharam o respeito e consideração do mundo para a sua pátria. E a entrevista termina:

— Só uma coisa pretendemos, além de armas: colaborar nas regiões libertadas, com os exércitos invasores!



FRANÇA

Quando o general De Gaulle entrou em Paris libertado, e desceu aos Campos Eliseos, para assistir às grandes cerimónias celebradas em Notre Dame, a população entusiasmada aclamou-o delirantemente, como se vê na foto.



BRASIL

As relações do Brasil com as Nações Unidas, ultimamente tão discutidas com a saída de Oswaldo Aranha, ministro dos Negócios Estrangeiros — e a alma da política externa brasileira — reafirmaram-se com as palavras dos informadores do Catete. Aqui vemos o major-general João Baptista Mascarenha-Morais, comandante geral da 1.ª Divisão das Forças Expedicionárias Brasileiras, estacionadas em Nápoles. Àquêle cabo de guerra aberta efusivamente a mão do tenente-general Devers, comandante supremo das fôrças Aliadas em operações no Mediterrâneo.



AMERICA

O aproveitamento de trabalho de sinistrados da guerra constitue, hoje, uma das grandes preocupações do mundo. A América, como sempre um país de soluções de vanguarda, conseguiu, de algum modo, tornar úteis os inúteis, como se vê na foto. Os coxos não precisam das pernas para trabalhos manuais numa fábrica de material de guerra, na Califórnia.

Os soldados franceses regressaram ao combate, mais experimentados, mais endurecidos no sofrimento, mais do que nunca patriotas. Na campanha de libertação da França, são já muitas as unidades de paraquedistas em acção, comandadas pelo tenente-coronel Bourgoïn — na Bretanha — que perdeu um braço na Tunísia. Um outro nome: o comandante Conan, até há pouco arregimentado no Norte de África, donde partiu para a invasão do sul da França. Conan é um pseudónimo usado pelo glorioso oficial bretão, em homenagem ao herói do romance de Roger Verceï.

O feito destes homens gloriosos e obscuros não tem conto: é um aere de 20 anos, incumbido de defender, à frente de uma pequena secção para não ser destruída a ponte de Morlaine, jóia de arte e ponto de estratégia; é uma outra secção que, milagrosamente, consegue manter aberta aos Aliados uma ponte de mil metros de comprimento; são os batalhões de paraquedistas, operando com as Fôrças Francesas do Interior; é um oficial de outra secção do batalhão de paraquedistas que envia ao Estado-Maior preciosas informações: «Se quereis tomar intacta a cidade X... enviai urgentemente, em paraquedas, armas em tal ponto» — para, de facto, horas depois, os cidadãos franceses, armados, conquistarem a cidade.

Por toda a parte, o soldado francês, ao lado dos civis e dos soldados Aliados, ergue-se num só homem e numa só fôrça para reconquistar a pátria subjugada.

Numa curiosa entrevista fornecida a um jornal londrino, o coronel Drumond, pertencente às F. F. I., prestou algumas curiosas informações a respeito desse exército que mereceu a Eden tão elogiosas referências: «quando os seus feitos puderem ser divulgados, conhecer-se-á um dos capítulos mais deslumbrantes da história da França».

O coronel Drumond é inspector da F. F. I. em 17 departamentos — ou seja: em toda a Bretanha e parte da Normandia, com os seus 80 mil voluntários.

Naturalmente, sabe-se muito pouco a respeito do que se passou em França, a partir de 1940. Mas ninguém já ignora que, sem as F. F. I. criadas em 1942, a marcha dos Aliados na Europa teria sido muito mais lenta e difícil. Difícil foi também o trabalho de agrupamento de fôrças em que sobravam voluntários e fal-

PAGINA DAS UTILIDADES

Máquinas de costura



HUSQVARNA

Uma perfeição
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira Popular, a pronto e prestações.

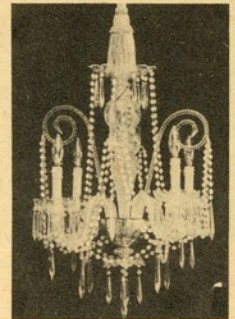
CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

P. dos Restauradores, 13, 3.^o
LISBOA Tel. 29888



Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

Os lustres para as decorações de bom gosto



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. de Brito

FABRICANTE
Rua Luíza Todi, 2
(à Rua de D. Pedro V)
Telef. 20497 LISBOA

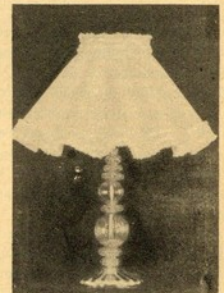
*Coíças, Vidros,
Talheres*



Au Ménage Ideal, L.^{da}

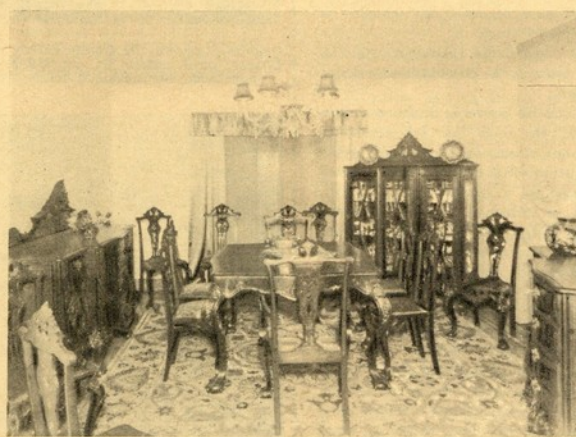
162, Rua da Prata, 166
LISBOA — TELEF. 21520

Decore a sua casa com economia e bom-gosto com lustres e candeeiros **C. MILLER** em vidro, metal, louça, madeira, etc.



À venda nas boas casas

Fabricante **C. MILLER**
6 — Rua Eduardo Coelho — 8
Telef. 28813 LISBOA

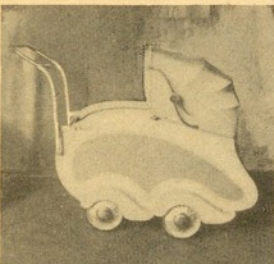


M. JOALS

EXPOSIÇÃO DOS MÓVEIS JOAL
SALA DE JANTAR D. JOÃO V

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-B
(ao Arleiro)
LISBOA Telefone 44033



A pronto e com facilidades de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.^o
LISBOA — TELEFONE 26713

Peça na sua papelaria
Produtos «HORUS»
Tintas para escrever,
colas, lacres e papel
químico



MOISÉS & REIS, L.^{DA}

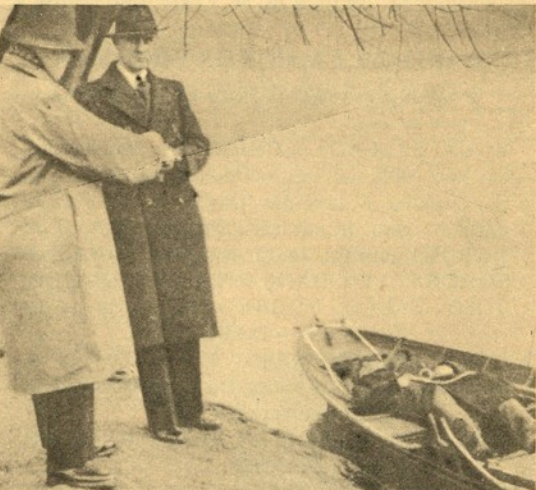
Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Telef. 81-691-LISBOA

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

O Mistério do Rio

Duas advertências importantes devemos fazer hoje aos nossos queridos leitores. Em primeiro lugar, escusam de reclamar erros hipotéticos — pois que nós somos os primeiros a emendar os erros encontrados. A nossa imparcialidade é absoluta. Absoluta! Em segundo e último lugar, prevenimos os leitores que os prazos marcados para a entrega das soluções são irrevogáveis.

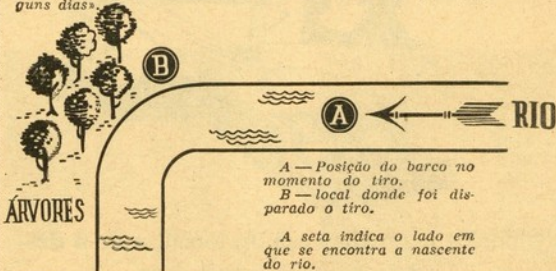
E pôsto isto, vejamos o problema n.º 15, cujas soluções podem ser enviadas até ao próximo dia 13 de Setembro. E boa sorte!



1 Junto do barco onde se encontra o cadáver de John Wilson, o inspector Niegel ouve as declarações de Charles Wilson, irmão do morto. Segundo este declara, Charles e John subiam o rio. Charles remava e John vinha ao leme. Navegavam em direcção contrária à corrente, quando Charles viu o Jim Jenkins saltar detrás duma árvore e apontar a espingarda. Sem dar tempo a que Charles pudesse gritar, avisando o irmão, Jenkins disparou e John caiu mortalmente ferido.



2 Daí a dois dias, Jim Jenkins foi preso. Várias pessoas tinham-no ouvido, na semana transacta, ameaçar de morte John Wilson, por causa duma velha rixa entre ambos. Mas Jenkins, interrogado pelo inspector Niegel, limitou-se a dizer que estava inocente. Então Niegel mostrou-lhe a sua espingarda, onde faltava precisamente uma bala. Jenkins encolheu os ombros e baixou a cabeça. Depois murmurou: «Roubaram-me a espingarda, já há alguns dias».



3 O inspector Niegel entregou-se então a uma curiosa tarefa. Com o auxílio de Charles Wilson, fez um desenho grosseiro da cena do crime. E diante do desenho, depois de o estudar atentamente, o inspector Niegel acabou por ficar satisfeito. Já decifrara o mistério do rio. Que descobriu ele? Porquê?

(Leia a solução no próximo número).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14

Duas coisas saltaram imediatamente à vista arguta do inspector Luckas:

1.º — Janet Terence estava paralisada da cintura para cima, havia muito tempo. Portanto, não podia sair da cama.

2.º — Mas a carta para a irmã fóra lacrada com um laço que ainda não existia quando o marido a deixou (foto 3), e necessitava de água para beber os comprimidos de Veronal. Além disso, o laço requere uma pequena chave para poder ser aplicado. Na mesa de cabeceira não havia nem fósforos nem coisa alguma que servisse para derreter o laço (foto e legenda 2).

Daí, o inspector concluiu que Dick Terence mentia proposadamente ao afirmar que encontrara a mulher já inconsciente, quando regressara a casa (legenda 3). Como podia Janet Terence ter lacrado a carta e bebido os comprimidos de Veronal antes disso, se lhe era impossível sair da cama para ir buscar o que necessitava?

Assim, Luckas acusou Dick Terence de crime premeditado e este viu-se forçado a confessar a verdade: ao voltar a casa, a mulher estava ainda acordada e pedira-lhe para lacrar a carta para a irmã. Ele foi buscar o laço e com a chave do seu isqueiro (fig. 3) procedeu à operação. Depois, como se recusasse as costumadas insónias, ela quis que ele lhe preparasse um copo de água para tomar o Veronal. Foi então que Dick Terence se resolveu. Estava farto da mulher, sempre doente, e aproveitou a oportunidade. Deitou no copo de água comprimidos a mais, suficiente para uma morte violentíssima. O resto era fácil. Mas ele não contou com os pormenores — esses simples pormenores que às vezes detam por terra os mais extraordinários «salibs»...

CORRESPONDÊNCIA

SETE DE ESPADAS (Aguilva) — Obrigado pelas saúdes e pelos votos, sobretudo no que respeita a raparigas belas. Para adquirir os números que indica, o melhor e mais cómodo é comprá-los directamente na redacção, aos poucos.

ESÓJ RAPSAG (Covilhã) e REPÓRTER N.º 8 (Évora) — É pena, mas as vossas soluções ao n.º 12 chegaram muito atrasadas.

ANTÓNIO C. BERNARDO (Lisboa) — Se quiser pode enviar problemas de «damas»... mas para a respectiva secção.

LYNÇOIDE (Lisboa) e FILIPE DE AGUILAR (Foz do Douro) — Creio que é melhor rever as vossas soluções ao problema n.º 11. No nosso ficheiro, essas soluções não deram entrada como certas.

O HOMEM DO CACHIMBO (Lisboa) — Gostei da sua carta. Acho que deve continuar. Você é dos mais simpáticos solucionistas — e dos mais espertos — que a secção possui.

JOSEPH FOUCHÉ (Lisboa) — Registro o seu pedido de correspondência sobre assuntos policiais, e por intermédio desta secção, com Israel Ferreira, Natércia Leite, Leiria Dias e Zirteba, todos de Lisboa.

REPÓRTER X... (Lisboa) — Comunico a todos os concorrentes que usam o pseudónimo «Repórter» que este solucionista os saúda e convida para fazerem parte duma equipa de repórteres que não errem nunca.

REPÓRTER MISTÉRIO

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 13 (Por ordem alfabética)

- (9) A. F. da Costa e Castro (Pôrto).
- (2) Adolfo Lima (Vila Nova de Famalicão).
- (9) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (7) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (2) Albino de Oliveira (Oliveira do Bairro).
- (8) Alto Rui (Lisboa).
- (10) Amador X (Lisboa).
- (1) Amiloinotna (Lisboa).
- (1) António Alberto Paradela (Amadora).
- (3) António C. Bernardo (Loures).
- (8) Arturo Silvani (Lisboa).
- (9) Artur Varatojo (Lisboa).
- (1) Aspirante (Aicoentre).
- (6) Boaventura Martins (Crestuma — Carvalhos).
- (4) Carlos Idães (Lisboa).
- (9) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (9) Detective de Calças (Braga).
- (6) Detective Improvisado (Lisboa).
- (2) Detective Renard (Lisboa).
- (4) Detective Wild-Ojas (Lisboa).
- (2) Dols Cachimbos Fumegando (Lisboa).
- (1) Duarte Cochofel (Pôrto).
- (5) Ele e eu (Lisboa).
- (3) Esój Rapsag (Covilhã).
- (6) Fanasha (Coimbra).
- (11) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- (4) Fernando Piedade (Lisboa).
- (2) Fernando Rosa (Leiria).
- (8) Filipe de Aguilár (Foz do Douro).
- (3) G. Bramão de Miranda (Mem Martins).
- (10) Henrique Fernandes (Estremoz).
- (3) Isabel de Oliveira (Lisboa).
- (11) Israel Ferreira (Lisboa).
- (8) Ivone Costa (Lisboa).
- (11) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (1) João Pereira de Freitas (Lisboa).
- (4) José Bálamo (Lisboa).

- (1) José Luís (Lisboa).
- (4) Joseph Fouché (Lisboa).
- (1) J. P. S. (Estoril).
- (4) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (12) Leiria Dias (Lisboa).
- (7) Locutor 13 (Pôrto).
- (5) Lynçoide (Lisboa).
- (8) M. (Algés).
- (9) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (10) Manuel R. Moraes (Lisboa).
- (7) Mário Claro da Silva (Pôrto).
- (2) Mário Duque (Lisboa).
- (4) Mário Martinho Pereira (Lisboa).
- (1) Mário Mota (Coimbra).
- (3) Máscara de Cobre (Moita do Ribatejo).
- (2) Máscara Vermelha (Moita).
- (1) Mimi (Viana do Castelo).
- (8) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (2) M. L. N. (Luso).
- (2) Mr. Smith (Algés).
- (12) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (9) M. S. A. (Coimbra).
- (5) Nick Carter Jr. (Lisboa).
- (4) O Cavaleiro da Triste Figura (Alhandra).
- (10) O Falcão (Pôrto).
- (4) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (6) O Lobo Solitário (Pôrto).
- (3) O Vingador (Lisboa).
- (4) Pad-Zé (Lisboa).
- (5) «Philo-Vance» (Setúbal).
- (10) Rapsag (Setúbal).
- (9) Repórter X... (Lisboa).
- (7) Romulo (Lisboa).
- (7) R. P. (Lisboa).
- (4) Sálvio Juliano (Esmoriz).
- (9) Simara (Lisboa).
- (5) Solitário (Lisboa).
- (8) Teimoso n.º 1 (Loulé).
- (4) T. P. Mistério (Lisboa).
- (12) Zirteba (Lisboa).

(Os algarismos entre parêntesis indicam o número de problemas resolvidos desde o início desta secção).

PISCINA-SOLÁRIO «ATLANTICO»

Empresa de Melhoramentos de Espinho S A R L — Telef. 352 Espinho

(Direcção Técnica de A. César Machado)

**A MELHOR E MAIOR DA PENINSULA
E UMA DAS MELHORES DO MUNDO**

AGUA SALGADA CORRENTE 300.000 lts. por hora 300 cabines individuais c/guarda-roupa, espelho e lava-pés privativo. Escola de aprendizagem de natação. Completo serviço de BAR-Restaurante. Jantar-concerto. TÓDAS AS TARDES CHÁ-DANÇANTE NO MAJESTOSO SALÃO NOBRE — Tódas as noites «SOIRÉE» — DANÇANTE.

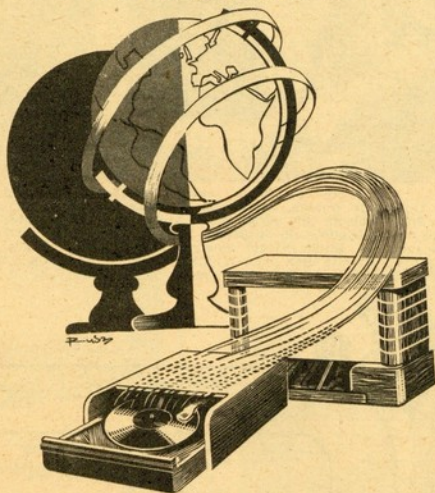
DUAS ORQUESTRAS — ASSINATURAS — semanais, mensais e época. Os accionistas gozam de regalias especiais.

Durante Agosto e Setembro. Grande programa de festas.

A PISCINA POR EXCELÊNCIA

DISCOFONES

PARA REPRODUÇÃO DE DISCOS EM APARELHOS DE RÁDIO, COM MOTOR ELÉCTRICO E PICK-UP



Modelos com Mudança Automática de 8 discos grandes e pequenos

**PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO NOS
EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. NOVA DO ALMADA, 27**



Sofrimento

Se virdes uns olhos rasos d'água,
Ou um rosto de lágrimas coberto,
Com indícios de sofrimento certo...
Direis convosco: Ali reside a mágoa.

E reside! A dôr atormentada,
Da dona de uma casa, que a sofrer
Deseja ter a roupa bem lavada
E não tem bom sabão para o fazer.

Pensa... medita... sofre. E já sem esperança
Chora, soluça, qual criança
Mas eis que por fim surge um arrebol.

Após o temporal vem a bonança
E ela sente-se agora em segurança
Porque lava a sua roupa com

LAVOL

Distribuidores:

PRODUTOS VAMO

Rua Chabi Pinheiro, 11 r/c — Telef. 47533 — Lisboa

SAIBA APROVEITAR

Mais uma sugestão para a leitora que não goste de deitar fora!

Trata-se da velha cortina de veludo, desbotada nalguns pontos, roída noutros, e, portanto, impossível de continuar adornando a porta do escritório do seu marido.

Mas que fazer do tecido que está ainda razoável?

A foto mostra-nos um banquinho de «toilette» forrado de veludo e adornado com cordão de seda.

Quere você experimentar a sugestão?

Por nós, confessamos que ainda a não experimentámos!



Respondendo às leitoras

«Gostaria que me indicasse qual-quer tratamento que atenuasse as rugas das pálpebras e desfizesse uma espécie de bolsa sob os olhos. Não tenho muita idade e estas rugas dão-me o aspecto de muito mais velha. Terá maneira de me auxiliar?»

M. F. S.

Cara leitora, para as rugas que tanto a aborrecem, pode experimentar o seguinte: à noite, depois do rosto bem lavado, faça uma leve massagem com um bom creme, deixando-o ficar.

De manhã, torne a fazer a mesma massagem, conservando-o apenas durante vinte a trinta minutos. Se as rugas forem muito pronunciadas, aconselho-a a fazer, dia sim dia não, uma máscara composta de clara de ovo e dez a doze gotas de sumo de limão.

Mas tenha bastante cuidado: as massagens devem ser feitas da maçã do rosto para as fontes e nunca em círculo.

(Respostas ao «test» da página de Cinema)

- 1 — Marlene Dietrich.
- 2 — Londres.
- 3 — H. B. Warner.
- 4 — «Parada Maravilhosa».
- 5 — «Luzes da Cidade».
- 6 — Betty Grable.
- 7 — Leninegrado.
- 8 — Irmãos Ritz.



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

Água de Colónia
Seda líquida
Pó de arroz
Creme dental
Báton

PAGINA FEMININA

As origens místicas da dança

QUANDO hoje vemos imagens sugestivas e belas como o momento deste ballado exibido pelo Ballet Austrália, e em que se renovam os processos da dança rítmica, fundindo a arte e a beleza num grande espectáculo visual — mal nos lembramos das origens remotas e estranhas da dança.

De facto, a dança nasceu do culto das divindades. Em certos povos antigos, era mesmo proibida como divertimento, sendo julgada digna somente dos templos. Assim sucedeu entre os romanos, nos seus grandes tempos imperiais. E a igreja cristã chegou a incluir também a manifestação pagã da dança nos seus templos. Disso restam apenas ligeiras sobrevivências, entre as quais o espectáculo religioso de Sevilha onde, por ocasião das festas do Santíssimo Sacramento, os jovens, vestidos de pagens, dançam à noite diante do altar de Cristo.

Por sua vez, os gregos — que reconheceram igualmente a origem religiosa da dança — elevaram-na à perfeição suprema dos modelos clássicos. Fizaram do culto da beleza uma autêntica religião, obrigando a juventude a formar o corpo e a alma em escolas de harmonia. E já agora é curioso recordar que dos ritos gregos, os quais compreendiam a música, cânticos em cântico, danças e diálogos sobre os deuses, surgiu outra forma de arte que tão grande influência iria exercer nos tempos modernos: o teatro.

Alguém disse, e com razão, que a dança, tal como a música, é uma arte espontânea e popular, traduzindo fielmente a característica dos povos e criando-a ou transformando-a — por vezes, com seus anseios de horizontes mais largos.

E a sua evolução tem-se feito através da evolução da própria vida — nos grandes espectáculos de arte, como nos salões particulares.

Ritmos novos substituem hoje os ritmos consagrados há anos e anos. Desapareceram as pavanais, as quadrilhas, os «cotillions», as «polkas», os «minuetes» e muitas outras. Apenas a valsa — apesar de velhota, pois remonta ao século décimo quarto — ainda continua com o seu prestígio em todos os países do mundo civilizado.

Mas, afinal, queridas leitoras, nem sei bem porque me acorreram estas ligeiras nótulas sobre a dança e as suas origens. Não, não sei bem. Mas creio que foi tudo devido à suavidade, à harmonia, ao ritmo verdadeiramente musical que esse momento do Ballet Austrália — as formosas irmãs Strela Heckelman e Rachel Cameron — me fez despertar.

Assim, a dança atinge uma expressão mais alta e mais bela. Transforma-se em poesia.

MARIALIA



TRÊS MODELOS DE HOLLYWOOD

1) Ida Lupino, a talentosa artista de cinema, mostra-nos uma «toilette» bem simples, mas digna do cenário que a rodeia. Olhando bem para ela, quasi nos parece que faz parte integrante da paisagem.



2) Ann Sheridan, sempre bonita e alegre, exhibe uma blusa bem original. Não sabemos se ela tentará as nossas leitoras, mas se gostam dela, cremos que a simpática artista não ficará zangada se lhe copiarem o modelo!...



3) Esta é a elegante e bela Dolores Moran, da Warner Bros. Olhem-na bem e digam lá se não parece que ela está a oferecer-lhes este novo modelo?

E oferece-o com tão bonito modo!...



Figueira da Foz

É a Figueira a mais fulgurante página do álbum turístico de Portugal.

Praia de tradições magníficas, cabe-lhe a honra de dar expressão material e técnica ao turismo — ao tempo em que esta palavra era a vaga significação de uma indústria balbuciante, hoje em perfeita e coordenada laboração.

A cidade progrediu, coroando o espírito de iniciativa e cultura da população, toda ela sofrendo, benéficamente, a influência do convívio das famílias banhistas: rasgaram-se avenidas, modernizaram-se largos e praças, realçaram-se os seus encantos típicos naturais, numa palavra, *maquilhou-se* de colorido intenso a sua fisionomia provinciana, sem todavia lhe alterar os traços característicos, que os tem, e bem sugestivos por sinal, definindo a sua personalidade marítima.

Hotéis e pensões foram na onda avassalante desta política construtiva: modernizaram-se, aformosaram-se, fazem-se notar hoje pelo asseio e comodidade. Outro tanto em relação às moradias para banhistas, bem diferentes das casas de recheio e higiene mais que precárias que ainda hoje são moeda corrente nalgumas das nossas estâncias de turismo.

Da praia, que dizer da sua praia maravilhosa?

É um leque de palhetas falscantes, de uma areia fina de finas carícias, abrindo-se, rasgando-se em alegres e radiosas perspectivas!

Na luminosidade das tardes de estio, a baía de Buarcos é uma mancha azul de frescura voluptuosa a entrar-nos apaixonadamente pelos olhos dentro.

Hoje, amanhã e sempre, a Figueira-praia é uma berrante cartaz de projecção internacional, é uma legenda de progresso, é a mais fulgurante página do álbum turístico de Portugal!

MÁRIO AZENHA



HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 20)

dades da marinha de guerra polacas e as esquadras das Nações Unidas. Por último, é de registar o esforço da projecção internacional, que se distinguiu também desde a primeira hora e cujos feitos foram, em mais duma circunstância, calorosamente registados tanto em França como na Inglaterra.

As formações militares polacas bateram-se na frente africana de maneira excepcional e na recente campanha de Itália deram, mais uma vez, prova da sua bravura.

A atitude dos polacos residentes nos Estados Unidos e dos americanos de origem polaca contribuiu poderosamente, nesta guerra como na primeira guerra mundial, para facilitar a execução de todas as tarefas patrióticas que a si próprios impuseram no exílio os chefes militares que não aceitaram como definitiva a derrota da sua pátria.

De entre estes há que destacar o nome do general Ladislaw Sikorski, uma das primeiras figuras da Polónia contemporânea e o verdadeiro aglutinador das energias polacas na hora da adversidade. O general Sikorski, que havia fixado residência no estrangeiro por virtude das suas divergências com os governantes de Varsóvia, tomou a direcção do movimento nacional no exílio com o consenso de todos os seus compatriotas e a consideração dos dirigentes dos vários países que com ele tiveram de tratar. O general Sikorski, que presidiu sucessivamente à Comissão Nacional polaca e do governo polaco de Londres, gozava, de resto, desde a primeira conflagração mundial, duma sólida reputação de experiência política, competência militar e ineffectível patriotismo. Foram esses requisitos que indicaram o seu nome para a representação da Polónia durante o período da ocupação até à sua morte prematura num desastre de aviação em Gibraltar.

O FUTURO DA POLÓNIA

A Polónia foi o primeiro país ocupado em consequência desta

guerra. As nações ocidentais, França e Inglaterra, entraram na luta para cumprir as obrigações que haviam assumido em relação ao povo polaco. Posteriormente, porém, a marcha da guerra alterou profundamente as suas características iniciais. A entrada da Rússia no conflito contribuiu para que a situação da Polónia se agravasse de maneira sensível dadas as reivindicações soviéticas quanto às fronteiras orientais deste país. Este conjunto de circunstâncias fez com que a política externa seguida pelo governo polaco instalado em Londres sofresse várias alterações que se explicam pela marcha contraditória dos acontecimentos nos campos de batalha e nas chancelarias.

Simultaneamente, com esta evolução o movimento de resistência no interior do país, traduzido em inúmeras manifestações que vão do ataque armado às forças de ocupação até à propagação duma imprensa clandestina numerosa e de factura arriscada, intensificou-se, sobretudo a partir de 1942, em proporções inesperadas. As divergências ideológicas que separavam os polacos antes da guerra, e que não se extinguíram por completo com esta, passaram no entanto para o segundo plano das preocupações nacionais dos polacos, dentro e fora das suas fronteiras.

Não foi possível — e este é um caso único na Europa ocupada — constituir qualquer governo colaboracionista nem mesmo levar os polacos a associarem-se às autoridades de ocupação para a administração do país. Enquanto a Noruega, a Holanda e a Bélgica constituíram governos com a participação activa dos nacionais-socialistas locais, e na Grécia e na Jugoslávia os naturais se associaram às autoridades de ocupação para administrarem os dois países, a Polónia quis manter-se estranhamente activa durante a ocupação, sob o ponto de vista político, quer sob o ponto de vista administrativo.

Apesar disso, as perspectivas que ensombram o seu futuro são conhecidas. A visita recente do actual chefe do governo polaco, que é ao mesmo tempo o chefe do partido camponês polaco, Nihkolasiejczyk, assinalou a existência geralmente reconhecida com que a nação polaca luta para se reconstituir depois de passado o vendaval da guerra. Apesar do apoio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, o governo polaco de

Londres não ignora que só enveredando pelo caminho das concessões lhe será possível ressaltar a unidade nacional e preparar a ressurreição duma Polónia livre, digna dos seus destinos e da sua tradição histórica.

Esta devia ensinar aos restantes povos europeus que o equilíbrio do continente implica a necessidade de existência duma Polónia forte, sem o que o próprio futuro da Europa ficará comprometido.

(Continua)



AO SOL
sem
queimaduras
só com

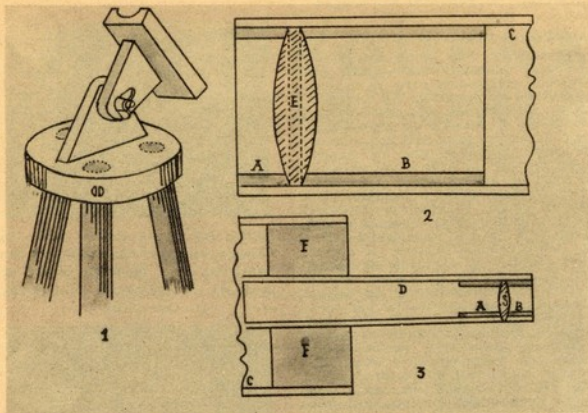
Bronzisol

protege
e
bronzeia a pele

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
AV. DA LIBERDADE, 35 - LISBOA - TEL. 21066

M^o CAMPOS

LEIA TODOS OS SÁBADOS
VIDA MUNDIAL



UM TELESCÓPIO PARA TODOS

Aqui temos os pormenores da construção duma luneta astronómica, para todos os amadores de astronomia. Material necessário: uma lente de óculo com um foco não inferior a 40 ou 50 polegadas; outra lente de foco curto, tal como a das máquinas fotográficas; um tubo de cartão tão comprido como o foco da primeira lente. A segunda lente está metida noutro tubo mais estreito, que desliza dentro do maior. 1—Modêlo do tripé com dispositivo onde encaixar a luneta; 2—A extremidade do tubo no lado da objectiva; C—tubo grande; A e B—anéis de cartão para segurar a lente objectiva E; 3—Extremidade por onde se olha: A e B anéis para segurar a ocular 3; D—tubo estreito; F—bloco de madeira; C—tubo grande. Ajusta-se tudo bem, pintam-se os tubos de negro, por dentro, e aplica-se uma tinta brilhante por fora. Agora é olhar para o céu: ver as manchas solares, as crateras, montanhas e vales da lua, as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e muitos outros corpos celestes.

Vamos experimentar

1—Uma experiência de movimento contínuo—Esta experiência constitui um interessante exemplo da transformação de quantidades infinitesimais de calor em movimento, parecendo à primeira vista realizar o tão desejado moto-contínuo. Não se exige nenhum aparelho especial: apenas um pouco de anilina, de preço insignificante.

Aquece-se um pouco de água quase ao ponto de ebulição, e deita-se num copo de vidro, para se poder observar a acção. Deita-se na água quente uma pequena quantidade de anilina, que se mantém em sossego durante uns instantes à superfície do líquido. Em breve a parte central da camada de anilina toma uma forma arredondada, donde se destaca uma gota, agitando-se a superfície superior da anilina de modo característico, depois da separação. Em seguida, destacam-se duas ou mais esferas, em geral uma grande e uma pequena.

Entretanto, a gota grande fundida a princípio, chega ao fundo com uma forma mais ou menos achatada, e depois dum certo intervalo torna-se esférica e eleva-se de novo até à superfície do líquido. Um momento depois solta-se outra gota, que sobe novamente, ao fim de certo tempo. E isto repete-se durante algum tempo.

2—Um barómetro duma lâmpada fundida—Com uma lâmpada fundida de velho modêlo, com ponta de vidro na extremidade inferior, pode-se prever satisfatoriamente o tempo. Mergulhe-se a lâmpada dentro de água e, com um alicate cortese a parte mais extrema do bico de vidro, tendo-se o cuidado de proteger as mãos contra os vidros que quebrem.

Logo que se fizer o orifício no vidro, a lâmpada enche-se imediatamente de água, que vai ocupar o lugar do vácuo. E está pronto a funcionar o barómetro, depois de o pedardarmos em qualquer lado, com o orifício para baixo.

Se o tempo estiver bom, não cairá água alguma pelo orifício. Se, porém, a água começar a sair em gota, deve-se esperar mudança de tempo. A pressão atmosférica regula a acção deste simples barómetro; quando a pressão aumenta (o que é sinal de bom tempo), aspira a água pelo orifício não deixando formar as gotas de água; quando, porém, a pressão diminua, a água força a saída até começarem a sair gotas. Como uma

baixa pressão precede sempre as mudanças de tempo, as gotas que caem indicam a aproximação de tempestade.

3—Para obter álcool absoluto—As vezes é necessário álcool absoluto em certas experiências ou receitas. Pode-se obter álcool absoluto suspendendo um pedaço de gelatina no álcool ordinário. Como a gelatina absorve a água e é insolúvel no álcool, obter-se álcool quasi tão concentrado como se consegue por destilação, isto é: quasi sem água.

Radiografias para todos

O ataque contra a tuberculose revelou um impulso com o desenvolvimento de uma nova técnica chamada *Radiografia em Miniatura*. Pelo sistema normal (o da radiografia directa) a imagem é registada numa folha de película colocada em contacto com o alvo fluorescente; porém, na radiografia em miniatura, a imagem no alvo é registada fotograficamente por meio de uma câmara.

A película pode ser feita de qualquer tamanho, o que representa uma economia imensa de superfície sensível. Desta maneira, o custo dos materiais pode ser reduzido de cerca de 98%. A consequência imediata da nova técnica é a possibilidade de fazer, em cada ano, o exame radiológico da população inteira.

As imagens negativas são projectadas sobre um alvo, e uma junta de médicos, composta por competentes especialistas de doenças do peito, e de radiologistas, classifica-os em normais ou anormais.

Os indivíduos anormais são mais tarde submetidos a novo exame radiológico, mas, desta vez, é utilizado o tamanho normal para que o diagnóstico se faça com segurança. O dr. Abreu do Brasil, e mais tarde Dormer e Collender, na África do Sul, introduziram o uso do cine-filme de 35 milímetros.

O conselho de Pesquisa Médica, na Inglaterra, vai inaugurar, em breve, uma inspecção em grande escala nas fábricas, pelo método de radiografia em miniatura.

E assim se faz o diagnóstico precoce da tuberculose, impedindo a perda de vidas, a infelicidade e um considerável desgaste económico. Quando veremos este método aplicado em Portugal?

CIÊNCIA ELEMENTAR

Qual é a idade da Terra?

PARA responder a esta fascinante pergunta é necessário o conhecimento das mais recentes teorias científicas, e também assentar quanto aos relógios e calendários que adoptemos para medir a duração da existência do nosso planeta.

Se se considerar a terra no seu estado mais rudimentar, como simples floco apenas distinto e atida relacionado com a nebulosa solar primitiva, o nosso planeta ainda não tem rotação em volta do eixo. Só depois de se ter desligado da nebulosa solar começou a girar sobre si mesmo. Neste momento, a rotação da terra era ainda muito lenta. Depois, à medida que a massa gaseosa planetária se condensava num núcleo a princípio líquido e depois sólido, a rotação foi-se acelerando. Dêste modo, os actuais dias de 24 horas não podem constituir uma unidade de tempo conveniente. E que, no caso da terra em formação, os dias eram imensamente mais longos do que hoje.

Por tudo isto, os cientistas viram-se obrigados a atribuir à terra uma data de nascimento convencional. Para avaliar a sua idade toma-se como ponto de referência a época em que apareceram as primeiras rochas cuja identidade se conservou até hoje. Admitida esta convenção, pode-se já dar uma resposta ao título dêste artigo: a idade da Terra é de cerca de dois mil milhões de anos.

O relógio de que a ciência se serve para atingir êste resultado, é a rádio-actividade. A rádio-actividade é uma manifestação patente da evolução da matéria. O rádio «radia», expete energia, e vai-se pouco a pouco transformando em chumbo e em hélio. Além do rádio, há outros corpos rádio-activos, como o urânio, o tório e o actínio. Todos êles, transformando-se (por continua perda de energia sob a forma de radiações) dão origem a um chumbo, que é, ou rádio-chumbo ou urânio-chumbo, etc., conforme a origem. A velocidade extraordinariamente lenta desta desintegração é conhecida com toda a segurança e varia conforme o corpo rádio-activo.

Munido dêstes dados, o geólogo avalia a porção de chumbo contida em certas rochas, e tendo presente qual a origem do chumbo, calcula quanto tempo exigiu a transformação do corpo rádio-activo nesse metal. Após 22 determinações em várias partes do mundo, os físicos americanos A. Holmes e R. W. Lawson, acharam que a idade da terra ia de 1.465.000.000 a 1.852.000.000 de anos!

O método precedente baseia os seus cálculos num só dos produtos da desintegração rádio-activa: o chumbo. Mas também se pode calcular sobre o segundo, que é, como dissemos, o hélio. De certas fontes termais desprezem-se freqüentes vezes grandes quantidades dêste gás. Este detalhe indica contudo que é difícil identificar a rocha mãe, origem do gás, tantas vezes situada a milhares de metros no interior da terra.

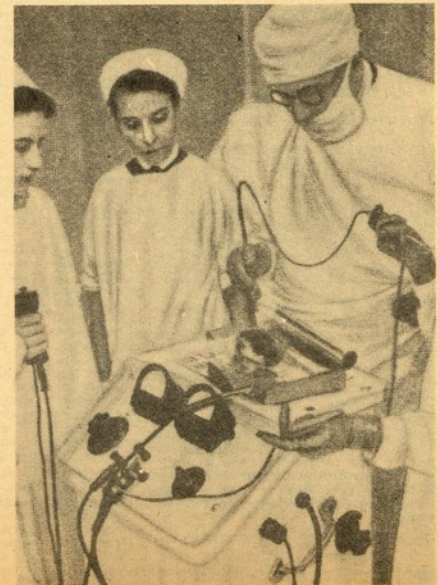
Esta dificuldade não existe quando se estuda o hélio contido nas «meteorites» caídas do céu. Tais fragmentos de corpos inter-planetários (estrêlas cadentes, bólidos) são ordinariamente constituídos por um núcleo de ferro ou níquel revestido de camada mais ou menos complexa. Aquecendo-se desprende-se o hélio. Pensando o hélio e atribuindo-lhe origem rádio-activa pode concluir-se ser êle também o produto da evolução da matéria que o contém. Foi assim que o professor Paneth calculou que as meteorites tinham 2.600 milhões de anos.

As meteorites têm, pois, mais 600 milhões de anos que a crosta terrestre. Mas é fora de dúvida que a sua substância tem a mesma origem que a massa terrestre, e por conseguinte não é temerário afirmar que as camadas internas do nosso globo são pelo menos tão antigas como os meteorites, e até mesmo mais, visto a condensação do núcleo terrestre ter começado mais cedo.

Outros processos, como a medição da salinidade dos mares, ou o estudo das camadas de terrenos, concorrem para a determinação da idade da terra. E é curioso comparar esta idade com a do aparecimento do homem, realizado apenas há menos de 100 milhões de anos.

O SANGUE É PRECIOSO

UM dos ideais da cirurgia é não fazer sangue. Em grande parte isto tem sido conseguido graças ao rádio-bisturi. A ponta do bisturi é aquecida devido à passagem de correntes de alta frequência, obtidas num tubo e alta o semelhante a um transmissor de T. S. F. O bisturi ou canivete é muito semelhante a uma agulha vulgar de costura, e até as veias desenvolvidas por êle no ponto de contacto com o corpo desintegram as células. Os golpes produzidos são limpos e curam depressa; as extremidades nervosas ficam «assadas», o que diminui o choque post-operatório; os linfáticos, os capilares e até as veias secam e ficam logo tapados, não havendo corrimento de sangue. Na foto, o cirurgião experimenta o rádio-bisturi num pedaço de cavalo, a ver se está bem afiado.



HISTÓRIA DA GUERRA

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI

Países ocupados — Polónia

A SITUAÇÃO DOS JUDEUS

O racismo alemão é, como se sabe, incompatível com os judeus. Por toda a parte nos países ocupados, como na própria Alemanha, as concepções raciais do nacional-socialismo se traduziram, na prática, por uma hostilidade constante em relação àquêle povo. Mas na Polónia a perseguição dos judeus assumiu proporções que não foram iguais em qualquer outro país. Mais dum décimo da população polaca, num total de três milhões de habitantes, era quando do início das hostilidades, em Setembro de 1939, constituída por judeus. Estes viviam em grupos numerosos que se tinham estabelecido principalmente nas grandes e pequenas cidades do centro do país. Um dos primeiros decretos promulgados pelas autoridades alemãs de ocupação dizia respeito aos judeus cuja situação procurava regular definitivamente.

O decreto estabelecia a obrigatoriedade da criação de «ghettos» no território do Governo Geral em todas as localidades onde a população de judeus era relativamente numerosa. No resto do território polaco foram também criados «ghettos», mas o seu número era relativamente pequeno e o rigor do tratamento aplicado aos seus habitantes incomparavelmente menor do que no Governo Geral.

É difícil referir com exactidão o número de «ghettos» criados no Governo Geral durante a ocupação alemã. Alguns dêles foram suprimidos por ter sido dado aos seus habitantes outro destino. Em compensação alguns foram criados para substituir os que desapareceram. Em 1 de Dezembro de 1942 (números revelados pelo hebdomadário alemão «Osland»), calcula-se que tivessem sido criados no território do Governo Geral 13 «ghettos» e que, além destes, houvesse 42 localidades habitadas exclusivamente por judeus.

O maior «ghetto» criado no território do Governo Geral é o de Varsóvia, cuja população inicial foi avaliada em mais de meio milhão de judeus. O «ghetto» de Varsóvia, completamente murado e isolado do resto da cidade, ficou sujeito a um regulamento particularmente rigoroso que agravou, para os seus habitantes, as disposições gerais da legislação antijudaica promulgada pelas autoridades de ocupação.

A entrada e a saída no «ghetto» de Varsóvia só podia fazer-se com uma autorização especial. Qualquer judeu que fosse encontrado fora dêle sem estar munido da respectiva autorização em ordem, era objecto dum tratamento especial das autoridades locais. Uma organização criada para esse efeito encarregava-se de fornecer aos habitantes do «ghetto» os elementos indispensáveis para a sua manutenção. Esta realizava-se, naturalmente, em condições bastante precárias e por vezes mesmo com dificuldades de toda a espécie.

OS HABITANTES DOS «GHETTOS»

Os «ghettos» do Governo Geral, e especialmente o grande «ghetto» de

Varsóvia, foram rapidamente transformados em centros de trabalho, funcionando a pleno rendimento para a máquina de guerra do Reich. Constituíram-se oficinas trabalhando em regime de colectivação e a mão de obra dos seus habitantes passou a constituir um elemento de valor apreciado para a economia de guerra alemã.

Em casos especiais organizavam-se brigadas de trabalho constituídas exclusivamente por judeus, que eram levadas para trabalhar fora da área dos «ghettos». Quando isso acontecia, para satisfazer as requisições das autoridades de ocupação, o trabalho dos judeus era realizado sob a vigilância astuta de destacamentos de polícia, especialmente adestrada para esse fim.

Ao fim de alguns anos de ocupação a população dos «ghettos» diminuiu em proporções avultadas. Dos quinhentos mil habitantes que havia em fins de 1939 no «ghetto» de Varsóvia calcula-se que existissem quatro anos depois cerca de quarenta mil. As causas dêste facto são várias, mas entre elas avultam as privações suportadas pelos judeus, especialmente em matéria de gêneros alimentícios e o rigor do regime de trabalho que lhes é imposto.

De resto, no território do Governo Geral o regime de trabalho foi sempre muito rigoroso para todas as camadas da população. Os polacos foram, como os judeus, sujeitos ao regime de conscrição para o serviço das organizações de trabalho. Esta tarefa foi realizada sob várias formas e com uma intensidade crescente à medida que aumentavam para o Reich as exigências da guerra. Na primeira fase da ocupação o recrutamento obrigatório foi aplicado apenas aos trabalhadores rurais, que eram unicamente aquêles de cujos serviços as autoridades de ocupação mais necessitavam. O regime inicial foi o de voluntariado, mas as autoridades encarregadas de o realizar reconheceram rapidamente que era necessário recorrer a outros métodos para alcançarem os objectivos que tinham em vista. Em vista dos resultados negativos alcançados com o voluntariado para o recrutamento de mão de obra agrícola, as autoridades de ocupação fixaram contingentes de trabalhadores que deviam ser fornecidos por cada localidade de acordo com um plano que haviam elaborado. Os trabalhadores requisitados por êste processo eram depois enviados para o Reich, onde deviam a exercer a sua actividade. A mão de obra polaca no território do Governo Geral passou assim a ser recrutada através dum organismo especialmente criado para esse efeito e que tinha já em fins de 1942 mais quatrocentas sucursais trabalhando sob a sua direcção.

A segunda fase do recrutamento de mão de obra, antes de se recorrer à conscrição, correspondeu à aplicação de métodos indirectos que sujeitavam a sanções especiais os polacos que não tivessem a sua carta de trabalho, isto é: o documento comprovativo de que exerciam a sua

actividade em benefício dos ocupantes.

A MÃO DE OBRA POLACA

Finalmente, as autoridades de ocupação decretaram o regime de trabalho obrigatório para os polacos residentes no território do Governo Geral. Embora não seja exactamente conhecido o número de trabalhadores fornecido pela aplicação dêste processo, calcula-se que êle nunca deve ter sido inferior a um milhão. O total de trabalhadores fornecidos pela Polónia para a máquina de guerra alemã, incluindo o Governo Geral e os territórios ocupados a ocidente e a oriente, ascendeu decerto ao dôbro daquele número, ou sejam dois milhões de operários de todas as categorias e profissões, desde rurais aos especializados. As brigadas de trabalho constituídas por operários polacos (Baudienst) estão sujeitas à disciplina militar e as faltas cometidas pelos que fazem parte delas são julgadas pelo Código de justiça militar em tempo de guerra. As penas aplicadas em casos por vezes ligeiros são, portanto, bastante rigorosas e com frequência desproporcionada.

As províncias orientais da Polónia que entre 1939 e 1941 estiveram sujeitas à ocupação soviética passaram, a partir de Junho dêste último ano, a estar sujeitas ao regime de ocupação alemã idêntico ao que já vigorava no território do Governo Geral. A parte sul dessas províncias — a Volínia — foi incorporada na Ucrânia anexada pelos alemães. A parte norte, composta pelas voivodias da Polésia, de Novogrodek e de Vilna — passaram a constituir, com os países bálticos, o Ostland. O distrito de Bialistok ficou incorporado no Governo Geral.

Os casos dos polacos que habitam essas províncias foi, desde a primeira hora, muito difícil. Suportaram durante dois anos, aproximadamente, a ocupação soviética que modificou por completo as condições e os hábitos de vida da população local. Muitas famílias foram enviadas para a U. R. S. S. e sob certos aspectos, êste êxodo assumiu as proporções das grandes migrações de que nos fala a história.

Calcula-se que o número de polacos deportados nestas condições não foi inferior de duas milhões, ou seja a quarta parte do total da população das províncias orientais da Polónia. A ocupação alemã veio completar os prejuízos suportados por êsses polacos durante o período relativamente curto da ocupação soviética.

As autoridades alemãs nas províncias orientais da Polónia não estabeleceram qualquer distinção entre os polacos, os ucranianos, os russos brancos (bielo russos) e os lituanos. Sob certos aspectos êstes últimos foram mesmo favorecidos com prejuízo manifesto da parte polaca da população. Sobretudo os judeus que viviam nessas províncias tiveram de suportar um tratamento que não foi certamente mais benigno do que aquêle que fora aplicado aos polacos do Governo Geral.

O regime de trabalho para os polacos das províncias orientais foi igualmente a conscrição sem discriminação de qualquer espécie e as condições económicas eram, porventura, ainda mais precárias do que no resto da Polónia.

O SIGNIFICADO DA RESISTÊNCIA POLACA

Esboçamos o conjunto da situação na Polónia ocupada durante os primeiros anos da ocupação. Longe de terem diminuído depois disto as dificuldades com que aquêl país lutava não fizeram senão agravar-se. Entretanto, o espírito de resistência da sua população nunca deixou de se manifestar, tanto no interior das suas fronteiras como no estrangeiro.

Os polacos foram dos primeiros soldados a incorporarem-se nas fileiras dos seus aliados depois da derrota militar de Setembro de 1939. A Comissão Nacional polaca, depois transformada no governo polaco que fixou a sua sede em Londres, procurou reunir todos os elementos que se mostravam decididos a combater pela liberdade e pela independência dêste. Constituiu-se um exército polaco primeiro em França, depois em Inglaterra; primeiro na Rússia, depois no Extremo Oriente. Do valor dêste exército regista a história desta guerra provas inúmeras e elucidadas.

A espectacular aventura do submarino «Orzel», logo após o início das hostilidades, assinalou o começo da colaboração entre as uni-

(Continua na pág. 18)



Hitler, na frente polaca, ouve as informações prestadas pelo comandante de uma unidade, ainda no princípio da campanha da Polónia, em 1939.



O general Sikorski, Primeiro Ministro e generalíssimo polaco, foi o grande animador das relações do seu país com os Aliados, depois da derrota da Polónia.



Varsóvia, capital da Polónia martirizada, tinha grandes e belos edifícios, monumentos magníficos que as vicissitudes das guerras não haviam destruído. Este era o palácio do rei Estanislau.



Os bravos marinheiros polacos que continuaram nos mares a luta contra os invasores, tiveram o seu feito máximo no caso do submarino «Orzel».



Não foram só os judeus os perseguidos. As crianças polacas de todas as religiões tiveram que refugiar-se no estrangeiro. Estas, no Índia,oram pela pátria martirizada.

por Francisco Veloso

PEQUENA HISTÓRIA

LUZES DA EUROPA

Desde aqueles sóis que viram sobre as águas do Tejo uma floresta de mastros, este rio com suas margens foi entreposto de tráfegos. Portugal é, por destino e posição, uma despedida e um começo.

Reabri as últimas páginas do famoso «Diário de Berlins, de Sirley, e ainda me ressinto da comoção que me assaltou quando na avidez da leitura me choquei nelas.

O correspondente da Broadcasting cada esparado em Lisboa. Era a hora da fuga. Dias depois, embarcava uma noite num dos últimos paquetes regulares que se atulharam de emigrados para a América. Dizia-lhe adeus um companheiro de pániço.

Então, fitando do alto das amuras a massa do casarão nas colinas escuras, pontuada de luzes, sob o clarão dos reverberos, reviu tudo o que acabara de sofrer inauditamente, e ao renatar o seu diário escreveu:

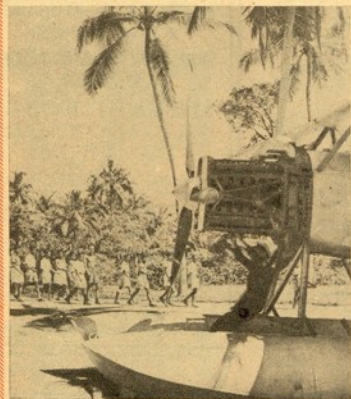
— As últimas luzes da Europa!
As suas palavras desabafando ao mesmo tempo a sua saúde e a sua fome de salvar-se, são das mais belas que Lisboa, então a celebrar os Centenários nacionais, entre gonfaldos, estandartes e troféus, ainda recebeu. Eram nesse tempo fruto proibido. Mas ainda por isso nos sabia melhor lé-las. Continham um prêmio e um presépio lúcido.

COLONIZADORES

Sob a fuligem de que a humanidade carregou o ar, todos sentimos os pulmões fadados. Dir-se-ia que, como em certos dias do Rio de Janeiro ou de Boma, vivemos ofegantes sob uma cripta esmagadora de vapores imponderáveis, coando e fazendo referir o fogo solar de fornalha.

Então, uma só frase se espalha a classificar o tormento:

— É tropical!
Muito mais de noventa por cento da popu-



Uma sugestiva paisagem tropical

lação do país, não desceu para o sul da Madeira ou das Canárias. No entanto, sem saber o que diz, irremissivelmente define como vida de inferno o clima colonial.

É um caso de ancestralidade atávica, mofa, mordaz, a meu lado um português de Angola. É mesmo o terror das gentes que há séculos acreditavam no Mar Tenebroso. A África continental a prefigurar-se para estes stípos como o deprimido.

E, de repente, na face corada, mostrou a gargalhar, a fiação dos dentes brancos.

— No entanto, a Boca do Inferno fica ali adiante, simbolicamente... Veja como foi preciso que chegasse a emigração para ensinar a vestir fatos brancos, por ser moda, este povo de colonizadores!

POLÓNIA

O último — ou melhor dizendo, o penúltimo — acidente nas relações russo-polacas, a viagem apressada a Moscovo do chefe do governo da Polónia em Londres, vêm chamar outra vez as atenções mundiais para um dos mais arripantes flagelos desta guerra sem cavateirismo nem piedade.

As brutalidades inomináveis da ocupação

estrangeira, que rouba a independência dos povos como quem rouba uma carteira ou despoja, na estrada, um viandante, junta-se o horror dos exílios dentro da própria pátria. Ao heroísmo épico das resistências das guerrilhas, junta-se a dispersão das populações pelo mundo. A esta, no fogo dos planos políticos que se faz mais cerrado à medida que a vitória se despega da confusão dos horizontes para se tornar em certeza, sobrevém a divisão nacional provocada, que é uma segunda perda



Marie Curie
Maria Slodowska

da independência das nações, ou pelo menos o irremediável nela.
De todas as pátrias martirizadas nesta catástrofe, a Polónia, sejam quais forem os erros dos seus condutores, fica como padrão. Como nos dias em que se sacudiu revoltada contra as tiranias que a partilharam, o mundo escuta os seus gritos e conforange-se diante das suas dores. Sempre assim foi. Ao ouvir a voz de Kociusko e dos «colteiros» ao ver as lágrimas de Maria Slodowska, que ofertou à humanidade — o vadio.

ECONOMIA

Fechou as suas portas a Conferência Monetária e Financeira Internacional em Bretton Woods, com a formação de um Banco Internacional de 10.000 milhões de dólares para crédito e financiamento da reconstrução da riqueza dos povos, e eis já anunciada outra para Novembro — a Conferência Económica Internacional, em Atlantic City, New Jersey, na qual comerciantes e industriais das nações aliadas e neutras vão tratar de problemas da recuperação das economias que a guerra arrazou ou pôs em crise.

Nos salões imponentes do Hotel Claridge, a economia mundial, repoltrada em emaples, vai ditar contas à vida de ontem, de hoje e de amanhã, fazer um exame de deitros passados, reverificar quanto lhe custam fechar os resumos dos balanços e ver o que lhe sobra para o futuro.

Estes afans, como prenúncios da paz que se aproxima, valem mais do que a ave simbólica que bateu azas da Arca de Noé quando cessaram as chuvas do Dilúvio.

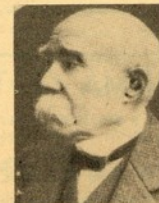
Nisto tráo meditar os chefes da indústria, do comércio e da navegação, nos intervalos das sessões, ou às tardes, passeando ao longo do famoso e belo Boardwalk, diante do mar atlântico ocidental, cingindo os seus perfis, visto que o inverno norte-americano não é positivamente o de Lisboa...

SEM PAR

Como podemos medir a nossa idade de viver? Eis uma pergunta que, sobretudo no cimo da existência, quasi instintivamente nos fazemos — tal como em jornada por caminhos que há muito não percorremos, a reveses nos interrogamos circunvolvendo o olhar em obediência a insistências súbitas da memória: eu já um dia passei aqui? Onde estou? Irei em boa direcção?

Os homens que viveram as horas de há trinta e há vinte e seis anos, em 1914, quando o ultimato brutal de Viena a Belgrado fazia explodir a outra guerra, e em 1918, quando ela acabava, podem reencontrar nas jornadas históricas que estão a atravessar, muitos locais que não lhes são estranhos.

Diz-se que a História é uma repetição. Os seus cultores e críticos parece que a consideram, mesmo involuntariamente, como a arte de comparar sucessos, um tanto como os mestres de Estado-



Clemenceau

-Maior que buscam nas cartas, pelos veios das linhas coloridas que designam os marchas dos exércitos, a explicação das batalhas. Amanhã eles confrontarão Guilherme II a Adolfo Hitler, Lloyd George a Winston Churchill, Woodrow Wilson a Franklin Roosevelt. Talvez para se concluir que o grande Clemenceau ficou sem par. E será quasi toda a História...

CREIO que é de Paulo Morand o conceito de que a preguça é o pecado que rende menos remorsos. De facto, a actividade gera a dor. O homem em acção sofre. Mas sofre porque quer devorar tantamente o Tempo. E o Tempo, como canta a linda poesia de Feijó, fode-lhe sempre — de braço dado com o Amor, irmão da Morte.

A revolta contra esse sofrimento de insatisfeitos é o pecado — vestido de orgulho, adornado de ambições e vaidades, remordido de cóleras, aturido de prazeres...

No entanto, o preguçoso, que o mundo injustamente acusa, sabe encarnar a vida tal como ele é. Como um sábio egoísta inactivo, ele assiste como espectador à correria do Tempo que em tufo passa a seu lado. O preguçoso é como o relógio indiferente e submisso dos versos de Zorrilla: — vê o volver dos sóis na alta esfera, e «medita y marca tranquilo el paso a la eternidad»...

Mas por isto mesmo que é, em tendência, um quasi inerte, o preguçoso não sofre. Corre a vida fugaz? Ele vai longe. Bate-lhe à porta a desgraça? Ele raciona. Alacre vem ter a seus ouvidos a voz saudável da felicidade? Ele sorri...

Não sei se já notaram que os velhos calcunhados dos caminhos da boémia, são naturalmente vagarosos e irónicos. Chamam-lhes gastos e cansados. E são apenas preguçosos inteligentes. Vive-muito, e assim depressa aprenderam o que a vida contém, acompanhando cavalhelescamente, elegantemente, num steeple chase de bravura, os seus ritmos céleres.

A vida já não tem segredos para eles. Por isso miram com olhar sereno e que éles antecipadamente sabem que a nada conduz.

Foi a preguça, o seu savoir faire et connaitre, que os ensinou a ter espirito, a ter ironia, a ter graça, a sublinhar as rubricas das coisas, das idéias e dos factos que vão passando ao toar das horas — das horas que são sempre as mesmas pelo que são e sempre diferentes pelo que marcam e assinalam...

É um pecado a preguça, porque é uma revolta subjectiva, em forma de defesa contra a dor da vida precipite e desgastante?

Mas o remorso parco que dela como pecado deriva, não é, como se diz, o de perder o tempo, senão o de em balde ter sonhado conquistá-lo, seguindo-lhe no rastro!

É o preguçoso um inútil? Não, não é. É um filósofo ameno e subtil, sem irritações nem desesperos, sem alvoroços nem sonhos, que muito bem se dispensa de observar o panorama dos dias através de uma esmeralda cor de esperança, ou através de um rubi cor de fogo e do sangue, porque aborrece a ilusão.

É um cínico? Não, não é. Conhecendo, por a haver sofrido, a dor da vida, é tãctea amoravelmente como ninguém as chagas em que ele se vai abrindo.

O chamado *désabusé*, o velho boémio, só por excepção não é um sentimental, só por excepção não alberga em si o coração de um poeta.

O preguçoso faz a vida *au ralenti* — eis tudo. E preliba-lhe as essências, como um requintado bebedor antegosta pelo aroma um vinho fino e velho, antes de sorver-lhe a primeira gota no cálice de cristal que o encerra...

Assim, medita bem, o bom senso e a ponderação, só formas de preguça. E ela que corrige as vossas primeiras impressões e vos diz: — *espera, ide devagar, atrás do tempo vem o tempo, não vos precipiteis!* Ela, a preguça caluniada, a favorita expressão da esperança, porque é a voz sensata do desengano!

Não é nos agitados que a espiritualidade vai no comum fecundar os germes da salvação das almas. Deus só fala às almas recolhidas sobre si mesmas, às almas em silêncio, diz muito bem a Sabedoria Mística. A alma do preguçoso desenganado e solerte, é uma alma aquietada. Ele compreende melhor a voz dos Santos Cristãos que falam das fanidades do mundo.

É possível que se julgue tudo isto que venho de dizer-vos, elvado de pessimismo, de descrença, de medo de viver.

Ao contrário, amigos que me lêdes.

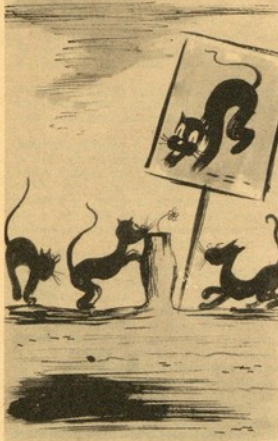
Ante tal objecção, preguntar-vos-ei se a verdade física, entranhadamente humana do pecado original não é em si mesma uma ilusão que nos previne providencialmente com um bom e salutar aviso. Se não fóra a convicção que nos é inata, de que não somos naturalmente bons, e de que através de mil diversos lances da vida temos de nos esforçar para o conseguirmos ser, constantemente, na rectidão moral e nas atitudes sociais da nossa existência — o que por si envolve e implica uma desconfiança de nós mesmos, do que somos, em visão do que devemos ser — como explicar este afã de viver mais perfeitamente, a razão de actividade moral que nos obriga, não a realizar ambições materiais (puro instinto de cevados sem escurpulos), mas a bem cumprir os nossos deveres, na família e nas posições em que Deus nos colocou, através e quasi sempre contra as falazes ilusões do Mundo?

Ora, nisto, e especialmente, nos leva vantagem o exprobando preguçoso. Ele é um descrente curado e salgado. Nada tem de aprender porque está ensinado. É um prevenido moral e intelectual.

(Continua na pág. 10)

HUMORISMO Anedotas de guerra

Ventura ama as flores
(História sem palavras)



HISTÓRIA DE PARAQUEDISTAS

O adido militar de um país neutro especializou-se no estudo de manobras de paraquedistas, para o que teve de percorrer diferentes países em guerra. Eis um resumo das informações do seu relatório—ainda no princípio da guerra, quando os factos influíram, naturalmente, de modo diferente sobre os paraquedistas.

Inglaterra — Quatorze paraquedistas a bordo de um bombardeiro. Há um piloto e um chefe de manobras. Quando este grita: «Saltem!», o mais velho dos paraquedistas pergunta: «S. M. está de acôrdo?». Resposta do chefe: «Sim!». «O Parlamento está de acôrdo?». Resposta: «Sim!». Depois disto, saltam todos.

U. S. A. — Os paraquedistas estão prontos. O chefe comanda: «Saltem!». Então, o mais velho pergunta: «Cada um tem em ordem a sua garrafa «Thermus», os seus cigarros, o seu «chewing-gum» e a sua farmácia?». Responderam todos: «Sim!». O chefe comanda: «Então, saltem!». E eles saltam.

França — Os paraquedistas estão prontos. O chefe comanda: «Saltem!». Saltam logo todos, simplesmente, nenhum leva paraquedas.

E POR QUE NÃO?

O sargento — Aqui tens uma máquina que fará metade do teu trabalho!

O soldado — E não pode arranjar-me duas, meu sargento?

UM DISTRAÍDO

Um general passa, certa vez, sobre a base naval X. Quando acaba a inspecção, mostra desejo de dar uma volta no novo hidro-avião, último modelo recém-chegado àquela região. É claro que lhe satisfazem imediatamente esse desejo, e o oficial, com o piloto, encaminham-se para o local onde o aparelho tinha amarrado. Sobem o general e o piloto, até que, a certa altura, aquele pede para tomar conta do aparelho. O piloto cede-lhe o lugar, o general governa bem o hidro, mas, de repente, exclama:

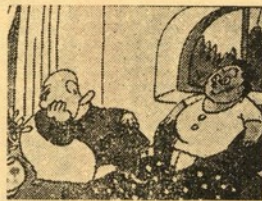
— E se nós descessemos aqui?
— Mas, meu general, nós estamos num hidro-avião e voamos sobre terra...

— Oh! a minha distração! — diz o oficial passando outra vez o comando do aparelho ao piloto. — Onde tinha eu a cabeça?

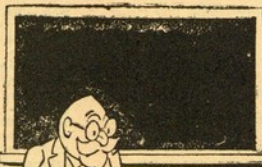
O piloto subiu mais, picou, e foi amarrar sobre a toalha de água.

Então, o general levanta-se, aperta a mão ao piloto, abre a portinhola do aparelho — e precipita-se no mar!

A graça ilustrada



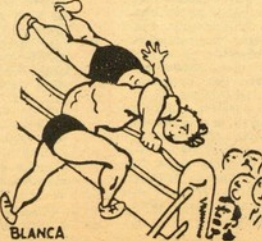
— A noite passada, sonhei com todos os credores...
— Todos, acho demais para uma noite só...



— Dois e dois, quantos são?
— Vinte e dois!



— Dez pacotes para matar ratos!
— V. Ex. deseja que lhe mande a casa?
— Naturalmente! Ou quere que lhe mande os ratos?



— Por este lado, não, que está ali a minha sogra!

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» 1944.

Boião maior, 15800
Boião menor, 10800

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildefonso, 29, Porto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 43582.

O VELHO PORTO Niepoort
sabe... a quem sabe

CALDAS DE CANAVÊS
BARÈGES PORTUGUESA
A 2 km. de Livração

Únicas águas arsenicais-sulfurosas da Península

MARAVILHOSAS NAS «DOENÇAS DA PELE»

Reumatismo, Sífilis, Afecções crónicas do aparelho respiratório, Doenças de seborrôas, Atonias gástricas, Enterocolites, Fermentações intestinais, Linfatisimo, etc.

GERENTE:
AUGUSTO PEDRO
Antigo concessionário do Hotel do Golf de Vidago
Tel. Posto Pub. Caldas Canavêes

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e brancos terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

Preço: Tubo médio 10\$50
» » grande 15\$00

UMA GOTA DE «HERPETOL»
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias
Preço avulso: 11\$00

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por **RAFAEL MARÇAL**

Não fique de mãos atadas...



quando o seu fato, devido ao lustro e às nódoas, lhe parecer inaproveitável, experimente o

CASULO Limpa-Fatos

inimitável fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas, que suprime DEPRESSA E BEM o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS!

Só custa 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



AJA DENTAL CREAM

A Pasta dentífrica AJA recomenda-se pela sua esmerada preparação e pelas suas propriedades anti-sépticas

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 2 8470

**compra, vende troca,
empresta e leilão
livros em todo o país.**

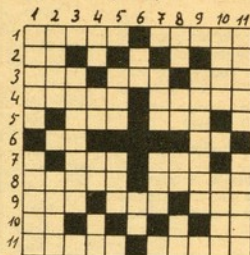
Informações bio-bibliográficas, etc.

**Única organização
do seu género**

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 44

Por Nicolau F. Telo de Moraes
(Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Serpente brasileira; descarado. 2 — Não (inv.); lanuagem de certas plantas. 3 — Escarrega; agrada (inv.); religião. 4 — Coçar; levar à sirga. 5 — Período; pau-ferro. 6 — Visitei; nota musical. 7 — Tília (poét.); cauda. 8 — Desejara; mistura de substância resinosa para fechar garrafas, etc. 9 — Situar; planta labiada; árvore terebintácea. 10 — Artigo (pl.); letra grega. 11 — Peão grande; fino.

VERTICAIS: 1 — Cabo náutico com pernasas fixas na gávea; digno. 2 — Chegava; rio que banha a Lorena e desagua na Holanda. 3 — Enfaltar. 4 — Advérbio (arc.); clima; avançar; cânhamo de Manila. 5 — Sulca; pequeno poema medieval lírico. 6 — O lado do vento (naut.); fútil. 7 — Macaco americano; letras de «cola». 8 — Int. designativa de admiração; consoantes; preposição e artigo (inv.); príncipe mongol. 9 — Pessoa simplória. 10 — Renque de árvores; furta. 11 — Espécie de mosca; próspero.

PROBLEMA N.º 43

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Sol; avalias. 2 — Ida; semente. 3 — Neva; Moisés. 4 — Asara; greis. 5 — Ova; arrã. 6 — Cús; eis; eó. 7 — Amas; ais. 8 — Varal; molas. 9 — Ataram; mama. 10 — Caírias; mar. 11 — Assoara; amo.

VERTICAIS: 1 — Sina; cavaca. 2 — Odes; amatas. 3 — Lava; sarais. 4 — Aro; sarro. 5 — As; ave; laia. 6 — Vem; aia; mar. 7 — Amog; sim; Sá. 8 — Leira; som. 9 — Inserir; lama. 10 — Ateiro; amam. 11 — Sessão; sarro.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

Telde — G. Canária — Espanha

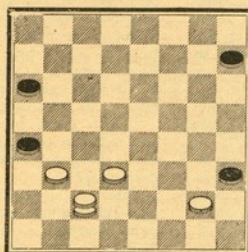
1.º Concurso de Problemistas de «Damas».

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry».

COMPOSIÇÃO N.º 12 (Final artístico)

«La Provincia», 7-9-944 — Las Palmas (Espanha)

Pretas: 4 «pedras»



Branças: 1 «dama» e 3 «pedras»

Jogam as brancas e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Continuação)

DIVISAO DOS ANTIGOS LANCES EM PROBLEMAS, FINAIS ARTISTICOS E FINAIS TECNICOS

Ainda que tivéssemos sido bastante claros no nosso capítulo IV, sobre este tema, depararam-se-nos algumas dúvidas. Isto nos leva a insistir sobre este tema, ante as dúvidas postas por um dos mais brilhantes compositores portugueses. Diz este nosso bom amigo: Um ponto que provoca confusão em meu espírito, foi a classificação como finais de composições que a meu ver constituem autênticos problemas. No meu conceito, no final puro existem as seguintes características: 1.º — Jogada das brancas sem sacrifício (pode haver composições intermediárias, nas quais a primeira jogada das brancas seja de sacrifício, seguindo um final puro).

(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

Apresentamos hoje aos leitores do «Passatempo» um trabalho do nosso particular amigo e grande compositor «damista» Francisco A. Henriques, de Almeirim, pelo que todos estamos de parabéns.

ESTUDO DE UMA VARIANTE INEDITA NA ABERTURA 10-14

Por Francisco Henriques

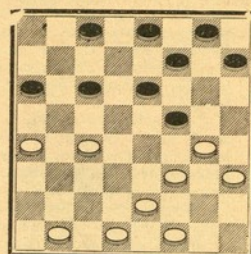
(Almeirim)

Branças	Jogadas	Pretas
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
5-10	3.º	32-28
1-5	4.º	28-23
10-13	5.º	21-18
12-15	6.º	19-12
8-15	7.º	23-19
5-10	8.º	19-12
7-16	9.º	27-23
11-15	10.º	23-19
16-20	11.º	19-12
20-23	12.º	

e ganham, pois as pretas não poderão evitar a rápida e vantajosa entrada das brancas em «damas».

A 10.ª jogada, que forma o diagrama que segue, não respondem as pretas com 23-19, mas sim com 22-19:

DIAGRAMA N.º 1



13-22	10.º	22-19
4-8	11.º	19-12
8-22	12.º	26-19
9-13	13.º	23-19
6-11	14.º	19-15
2-11	15.º	15-6
13-17	16.º	25-21
17-21	17.º	21-18
	18.º	

A jogada 13 não avança as pretas com 23-19, mas sim com:

9-13	14.º	30-26
13-18	15.º	26-19
6-11	16.º	19-15
2-11	17.º	15-6
18-22	18.º	23-19 (a)
11-20	19.º	19-15
16-20	20.º	24-15
20-23	21.º	15-12
23-27	22.º	12-8
27-30		8-4

(a) Se		29-26
11-15	18.º	26-22
18-27	19.º	31-22
10-13	20.º	23-19
13-18		
		empatam.

A mesma jogada 13 não prosseguem as pretas com 23-19 nem 30-26, mas com:

10-14	14.º	25-21
14-19	15.º	30-27 (b)
22-26	16.º	23-14
16-20	17.º	29-22
16-20	18.º	24-15
6-11 e	18.º	
3-26		
		ganham.

(b) Se		30-26
22-27	15.º	31-22
9-13	16.º	22-18
13-22	17.º	26-10
6-13	18.º	23-19
2-6	19.º	19-14
16-20	20.º	24-15
6-11	21.º	
		empatam.

(Continua no próximo número)

Dirigido por Augusto Teixeira Marques

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

UM CRIMINOSO DE RESPEITO

Conto de **A. P. CHEJOV** — Desenho de **CIAPERA**

DIANTE do juiz de instrução, encontra-se um camponês magro e pequeno. Veste uma camisola rústica e umas calças muito remendadas. A barba espessa cobre-lhe a parte inferior do rosto, picado das bexigas e umas madeixas rebeldas quasi que lhe tapam a testa. Debaixo das sobrancelhas hirsutas brilham uns olhos tristes que olham todos os lados timidamente mas com uma obstinação teimosa.

— Denis Grigoriev... és tu? — começa por dizer o juiz — Aproxima-te e responde às minhas perguntas... No dia 7 deste mês, o guarda da linha, Ivan Seménov, ao passar pelo quilómetro 141, surpreendeu-te a desatarrachar os «rails» da via férrea. Aqui temos a turques que tinhas na mão, no momento em que foste surpreendido pelo guarda. Concordas?

— Como?

— Pregunto se concordas com o que acabo de dizer.

— Sim, concordo...

— Bem. Agora explica-me. Por que querias desatarrachares os «rails»?

— Como?

— Acaba lá com o «como e responde»: por que querias desatarrachar os «rails»? Por que estavas a fazer isso? Para que querias os parafusos?

— Precisava deles, claro.

A voz de Denis Grigóiev, é rouca. O juiz olha-o fixamente.

— Se não precisasse de um parafuso, não ia buscá-lo — concluiu o camponês olhando o teto.

— E para que querias tu um parafuso?

— O parafuso?

— Sim, o parafuso?

— Ora, para pescar. Empregamo-lo para fazer de anzol, como na sonda.

— Usamos... usamos quem?

— Nós todos, os camponeses, a gente da aldeia...

— Não te faças idiota... Explica-me tudo, diz-me tudo quem são os outros, os nomes dos teus cúmplices. Não mintas!

— Nunca menti em toda a minha vida — dizia Denis convictamente — Para que havia de mentir agora? Demais, toda a gente sabe que sem um parafuso não se pode pescar. Como é possível que o anzol vá ao fundo sem um pêso? O isco ficaria ao de cima e a corrente levava-o. Só os malucos é que não compreendem que nenhum peixe picaria, se o anzol não chegasse ao fundo. Já não digo que uma pescadita não picasse, mas agora um bom peixe, não!

— E a que propósito vem toda essa história? — perguntou o juiz impaciente.

— Como, para quê? Então o sr. não mo perguntou? De resto, devo dizer-lhe que não são só os camponeses que pescam assim. Os senhores também. Toda a gente pesca assim. Claro, há muitos senhores que não sabem pescar... Sempre há um ou outro maluco que não compreende...

— Portanto, tu confessas que estavas a tirar para um parafuso da calha, para a utilizares como sonda?

— Pois, para que não havia de ser, senão para isso? Para que havia eu de querer um parafuso.

— Mas, então, para isso não podias ter arranjado qualquer coisa mais própria? Não podias servir-te de um prego ou de uma pedra, por exemplo?

— Não, senhor... Só os imbecis é que não sabem que o melhor é o parafuso. Pesa o bastante e, para mais tem uma ponta...

— Que queres dizer com isso? Julgas que é fácil enganar-me?

— Deus me livre de o querer enganar! — exclamou Denis persignando-se.

— Mas, então tu não sabes que desparafu-

sando os «rails» podias ter provocado uma catástrofe? Que podias matar muita gente?

— Por Deus, senhor! Nós somos cristãos! Todos os desta terra são cristãos e a nenhum passaria pela cabeça fazer uma coisa dessas. Causar a morte a muita gente? Matar?... Deus nos livre! Virgem Santa! Como é possível acreditar numa coisa dessas!

— Mas, então, não te lembraste de que desatarrachando os parafusos da via férrea pode dar-se um grande desastre, que o combóio pode descarrilar?

Diniz sorriu incrédulo:

— Há muitos anos que usamos parafusos para pescar e nunca se deu uma desgraça dessas. Não somos tão parvos que não possamos compreender que, se levantássemos os «rail» ou puséssemos um tronco sobre a via, o combóio descarrilaria... Mas um parafuso, uma porca... Que importância tem uma porca?

— As porcas prendem os «rails».

— Claro!... É verdade que não somos mais que uns pobres camponeses, mas isso compreendemos nós muito bem... Por isso, se desparafusamos alguma, fazemo-lo sempre com muito cuidado e nunca desparafusamos duas ao mesmo tempo.

Diniz boceja e, com o dedo polegar, faz sobre a bóca a sinal da cruz. O juiz olha-o perplexo. Depois, volta a olhá-lo com uma expressão severa.

— O ano passado, descarrilou um combóio perto da nossa aldeia. Agora é que eu estou a ver porque foi que êle descarrilou...

— Os senhores estão muito bem instruídos e por isso compreendem logo tudo. Mas o guarda das linhas não tem nenhuma espécie de instrução e não pode compreender estas coisas. Foi por isso que êle me prendeu. Além disso, tome o senhor bem sentido... Quando me prendeu, partiu-me dois dentes e deu-me dois sócos na nuca.

O juiz mastiga em seco:

— Bom, bom... Ouve cá. A lei condena a trabalhos forçados aquêles que intencionalmente danifica a linha férrea, de modo a causar uma catástrofe. Assim o dispõe o artigo 1.081.º do Código Penal, em vigor actualmente... Não sabias?

— Essas coisas é o senhor que as deve saber... Como havemos nós de as saber? Lembre-se de que nada de nada nos ensinaram... Somos camponeses ignorantes, coitados de nós...

— Desde que começas a falar ainda não fizeste senão mentir... É impossível que sejas tão parvo. Percebes tudo muito bem mas finges não conhecer as leis, para iludir a tua responsabilidade!

— Se o senhor juiz o

compreendes tão bem como eu, não diria que estou a mentir... Mentir! Porque hei-de mentir? Pergunte o senhor a quem quiser, a ver se não lhe dizem que com uma porca se podem pescar belos peixes!

— Cala-te! — grita o juiz a transpirar.

Depois, faz-se um silêncio. O juiz começa a escrever. Diniz, cada vez mais desorientado, olha de um lado para o outro, sem saber o que há-de fazer nem dizer. Está aflitíssimo.

— O sr. juiz já não precisa de mim? Posso ir-me embora?

— Como, ires-te embora?! Estás preso, agora vais mas é para a cadeia.

— Para a cadeia?... Mas, porque, senhor? Não é possível! Demais, não tenho tempo. Tenho que levar umas coisas ao mercado, onde me háo-de dar três rublos...

— Cala-te!

— Sim, senhor, eu calo-me. Mas é que isso de ir para a cadeia... E por quê? Por usar uma porca ou um parafuso para pescar? Só por isso? Não há direito! Se há um tribunal e uns juizes para julgar os homens e processá-los, devem proceder com justiça, compreendendo tudo... Mas, pelos vistos, não compreendem... Pobre de nós! Se êles não compreendem, que receberam tão boa instrução, que há-de então ser de nós, os pobres camponeses ignorantes?...

O juiz faz um gesto de impaciência e, dirigindo-se aos guardas, diz sêcamente:

— Levem-no para a cadeia!

Diniz não opõe nenhuma resistência e segue docilmente os guardas.

No entanto, murmura com os lábios trémulos:

— Deus me ajude!... Que pena, ter matado o meu amo... Esse, ao menos, havia de compreender tudo, para lhe poder explicar melhor que eu... Mas, enfim, que havemos de fazer!...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27